ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

DESTAQUES

- QUADRO E GIZ
- SALA DOS PROFESSORES
- RECREIO
- DEVER DE CASA

EDIÇÃO Nº 1
MARÇO DE 2017

EXPEDIENTE

ROQUETTE-PINTO
A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

A Roquette-Pinto é uma revista eletrônica do curso de Pós-Graduação de Educação Matemática e do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.
A publicação tem periodicidade quadrimestral e publica artigos e relatos de experiências de professores e alunos desde o ensino fundamental até a pós-graduação.
A revista é um periódico trimestral, digital, que tem como objetivo a publicação de artigos e relatos de experiências desenvolvidos por professores de ensino fundamental e médio e por pesquisadores, com foco na produção de vídeo feita por alunos e professores.
Não há custos para autores em relação à submissão e análise dos artigos e relatos.
Os direitos de copyright pertencem aos autores que tenham seus trabalhos aceitos e publicados na Revista, conservando seus direitos de publicação sem restrições.
Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, segundo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

EDITORES

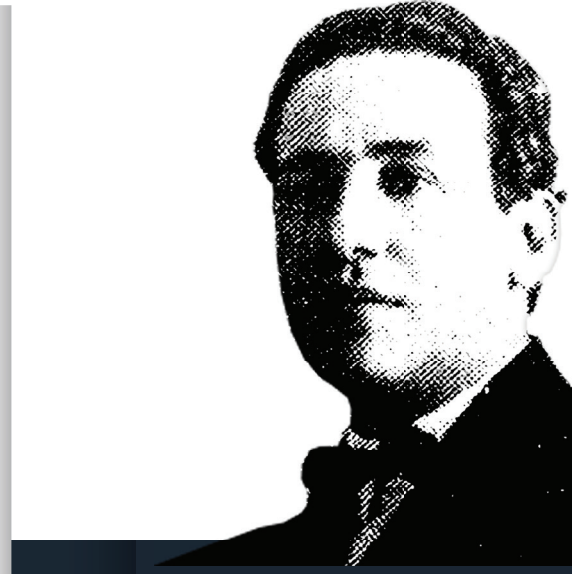
Prof. Dr. Josias Pereira – UFPel
Profa. Dra. Rozane da Silveira Alves – UFPel
Rogério Peres - Rubra Cinematográfica

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dra. Cristina Vermelho
Dr. Eduardo Portanova Barros
Dra. Lourdes Helena Rodrigues dos Santos
ME. Daniela Pedra Mattos
Me. Marcus Tavares

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Jéssica Thais Demarchi, Vânia Dalpont, Josias Pereira, Andrea Rodrigues, Indiara Tainan, Karine Ferreira Sanchez, Marlon Nunes, Sergio Renato Flores, Tânia Cristina Medeiros Cardoso, Izabel Cristina dos Santos, Josiane de Moraes Brignol, Kora Prince, Camila Vermelho e Eliane Candido.



wp.ufpel.edu.br/roquette-pinto/

Revista-Roquete-Pinto-de-Vídeo-Estudantil

contato@videoestudantil.com.br

EDIÇÃO Nº 1
MARÇO DE 2017

Todos os artigos e relatos são publicados sob licença Creative Commons. Atribuição Não-Comercial 4.0 Internacional.

REALIZAÇÃO

RUBRA CINEMATOGRÁFICA
PPGEMAT Programa de Pós Graduação em Educação Matemática
CENTRO DE ARTES UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS RS-BRASIL

EDITORIAL

QUEM FOI EDGAR ROQUETTE-PINTO

O carioca Roquette-Pinto nasceu em 1884, formado em medicina é considerado o pai da radiodifusão brasileira. Foi professor e pesquisador, Roquette-Pinto, se constitui em figura de extrema importância como pesquisador na área educacional do rádio e do cinema. Pensou o uso desta tecnologia dentro de um processo educacional. Em um país onde a maioria da população era analfabeta, Roquete Pinto pensou o rádio como um instrumento ideológico e político muito forte.

No Brasil desde a década de 1920 o debate entre tecnologia e educação é realizado inicialmente com Roquete Pinto que defendia o uso do rádio no processo educacional.

No dia 23 de abril de 1923, era fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro numa sala da Academia de Ciências, sendo assim desde a sua gênese, no Brasil o rádio nasce dentro da academia e por acadêmicos. Segundo Ruy Castro (1997) Roquete tinha convicção que o rádio seria importante instrumento pedagógico.

Para Roquette-Pinto a partir de agora todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte, pelo milagre das ondas misteriosas que transportam, silenciosamente, no espaço as harmonias.

Porém nem sempre essa relação entre cinema e educação foi harmônica. Canuto Mendes de Almeida, em 1931, defendia que os filmes também poderiam ter ações nocivas à regularidade das ações morais. Na mesma época vários professores começam a debater a relação entre Cinema e Educação. Além de Almeida o professor Lourenço Filho alertava para o fato de que o cinema também poderia ser usado de forma negativa na formação moral da sociedade, exibindo imagens e ações contra os costumes vigentes.

Esses movimentos e encontros levam Roquette-Pinto a pensar na criação de um órgão que ajudasse a desenvolver o cinema e que, principalmente, exibisse imagens de diversas regiões do Brasil para as escolas do país contribuindo com o processo educacional. Para o professor Roquette-Pinto o cinema e o rádio seriam instrumentos importantes para o processo educacional, porém a diferença que apontamos é que em função da tecnologia da época o professor Roquete Pinto pensava em apenas exibir o Brasil para os brasileiros, pensava que o cidadão conhecendo seu passado e presente poderia contribuir para mudanças futuras.

Com este conceito é criado o Instituto Nacional de Cinema e Educação INCE) que tem como função documentar as atividades científicas e culturais realizadas no país, para difundi-las, principalmente na rede escolar. O INCE produzia filmes educativos e exibia em escolas da região. O cinema na escola possibilitou exibir culturas de diversas regiões para o imenso Brasil, essa era a troca que Roquette Pinto imaginou. Hoje temos a oportunidades de realizar vídeos não apenas consumir assistir, mas fazer o seu aluno um produtor, fazer os alunos se comunicarem cada vez mais com o público. Quer tentar fazer vídeo com os seus alunos? Experimente você pode se surpreender!

> Segundo Vera Regina, neta de Roquette-Pinto, quando entrevistou o seu avô perguntou como ele se sentiu quando ouviu pela primeira vez o rádio? E ele respondeu: "Na minha sala havia um mapa do Brasil. Meus olhos se cravaram naquela imensidão de terra, enquanto aquela voz longe cantava e dizia coisas e depressa passou no meu pensamento essa ideia: como é que a gente não aproveita isso para levar o pensamento por essa extensão de terra, levantando essa gente toda que está morrendo por aí afora de ignorância? ".

SUMÁRIO
REVISTA ROQUETTE-PINTO

2º CONGRESSO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

DIAS 16, 17 E 18 DE NOVEMBRO
SÃO LEOPOLDO, RS

DATAS IMPORTANTES

- **31 | AGOSTO**
  PRAZO FINAL PARA A SUBMISSÃO DE RESUMOS.
- **10 | SETEMBRO**
  PRAZO FINAL PARA OS AUTORES SEREM NOTIFICADOS SOBRE A AVALIAÇÃO DOS RESUMOS.
- **10 | OUTUBRO**
  PRAZO FINAL PARA O ENVIO DO TEXTO COMPLETO.
- INSCRITOS QUE NÃO PODERÃO COMPARECER AO EVENTO TERÃO A POSSIBILIDADE DE ENVIAR SUAS PALESTRAS EM FORMATO DE VÍDEO PELA FICHA DE INSCRIÇÃO.

APOIO

3º Festival de Cinema Escolar de Alvorada · São Léo Em Cine · Cinest Cinema e Acessibilidade

REALIZAÇÃO

RUBRA · PPGEMAT Programa de Pós Graduação em Educação Matemática · Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas · Universidade Federal de Pelotas RS-Brasil

QUADRO E GIZ

- PROJETO DE OFICINAS DE VÍDEO EXPERIMENTAL DISCENTE // 06
  Jéssica Thaís Demarchi
- ROQUETTE-PINTO E A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL // 09
  Vânia Dalpont
- NEUROCIÊNCIA E A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL // 13
  Josias Pereira

SALA DOS PROFESSORES

- A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: UM PROCESSOPOSSÍVEL E SURPREENDENTE // 22
  Izabel Cristina dos Santos
- DOM QUIXOTE DE LA MANCHA OFICINA DE CINEMA JG // 25
  Andrea Rodrigues
- A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA SALA DA DIVERSIDADE. FERRAMENTAS PARA TRANSFORMAÇÃO // 28
  Indiara Tainan Passos dos Santos
- AULA DE ARTES PARA ALÉM DO DESENHO AUDIOVISUAL NA CONSTRUÇÃO COLETIVO-COLABORATIVA // 30
  Karine Ferreira Sanches
- É PRECISO TRANSVER O MUNDO; COMO? // 32
  Tânia Cristina Medeiros Cardoso
- MEU PRIMEIRO FESTIVAL // 37
  Marlon Nunes
- DO CORPO DE JURADOS À CONDUÇÃO DE OFICINAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL AO LONGO DE TRÊS ANOS DE EXPERIÊNCIA COM O CINEST // 38
  Camila dos Santos
- O FESTIVAL SÃO LÉO EM CINE É AMPARADO POR LEI MUNICIPAL // 41
  Eliane Candido

RECREIO

- PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL QUANDO O ALUNO TEM VOZ // 45
  Sérgio Renato Furtado Flores
- DESENVOLVENDO VÍDEOS ESTUDANTIS NA ESCOLA RURAL // 50
  Josiane de Moraes Brignol
- A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA VISÃO DOS ALUNOS // 53
  Kora Prince

DEVER DE CASA

- COMO DEVERIA SER UM FESTIVAL DE CINEMA ESTUDANTIL // 56
  Marlon Nunes
- VÍDEO ESTUDANTIL OU VÍDEO ESCOLAR // 57
  Josias Pereira

REVISTA ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

QUADRO & GIZ

Artigos, relatos e resenhas sobre teóricos ou teorias sobre produção de vídeo estudantil

PROJETO DE OFICINAS DE VÍDEO EXPERIMENTAL DISCENTE

Jéssica Thaís Demarchi

Mestranda Artes Visuais/UFPel

O presente relato pretende elucidar de maneira muito breve, um respiro a respeito da pesquisa[1] de mestrado que venho realizando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

A pesquisa em questão consiste em um projeto de oficinas de vídeo experimental discente na conjuntura do ensino de Arte como uma tentativa de criar possíveis antídotos que se contraponham aos estímulos uniformizadores das subje-tividades difundidos pela grande mídia. No trabalho em questão a grande mídia refere-se, sobretudo, à indústria cultural no sentido dos canais de maior audiência da televisão aberta brasileira[2].

As discussões acerca da indústria cultural serão tecidas princi-palmente com base em Theodor Adorno (2016) e Guy Debord (1997). Mas, como nesta ocasião daremos ênfase ao programa das oficinas que serão realizadas neste ano com uma turma da graduação em Artes Visuais da UFPel na disciplina de "Ateliê de Vídeo" e outra turma de ensino fundamental, por hora é mais importante que falemos um pouco sobre a lógica ecosófica em Félix Guattari (2001).

Através de poucas e densas palavras, o autor esclarece que a nossa experiência de vida vem sendo gangrenada pela mídia. O presente trabalho está impulsionado a buscar métodos para nadar em uma maré contrária à essa "gangrena" causada pelos estímulos uniformizadores da consciência emitidos pelos meios de massa. Nesse sentido, o contato com a ecosofia na pesquisa auxiliou na percepção de que a produção discente de audiovisual experimental poderia auxiliar na produção de "antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipula-ções da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc." (GUATTARI, p. 16).

Explorando relações de poder existentes nas estruturas de bens, de serviços e de produção de signos que vem se instaurando na sociedade, Guattari explica que a relação da subjetividade (seja ela vegetal, social, cósmica ou animal) com sua exterioridade vem sofrendo um processo de involução, de forma que o singular vai dis-sipando suas peculiaridades. Buscando uma reflexão sobre o futuro das maneiras de vi-ver em sociedade no planeta, o autor complementa dizendo que:

As formações políticas e as instâncias executivas parecem to-talmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geral-mente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que pode-ria esclarecer convenientemente tais questões. (2001, p.8)

O autor vê na prática ecosófica, um vigor de confronto contra as brutas consequências do capitalismo pós-industrial, o

qual ele prefere denominar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Para ele, os princípios cultivados por esta norma econômica estão propensos a espargir sua pujança não só pelos mecanismos de produção de bens e serviços, mas também através dos veículos de comunicação de massa. A corpulenta parceria estabelecida entre o sistema regido pelo capital e a mídia auxilia na conservação dos valores preconceituosos e segregativos entre imigrados, mulheres, negros e toda uma gigante porção populacional que tem sido incansavelmente inferiorizada e explorada.

Pensando nas formas como a grande mídia nutre essas sementes de dominação e consumo, as oficinas de vídeo experimental são pensadas como um instrumento que auxilie os jovens em um processo em que eles sejam produtores de signifi-cações, e não apenas consumidores. Mais do que isso, deseja-se problematizar os conteúdos veiculados pelos meios de massa lançando sobre eles um olhar mais crítico e sensível do que muitos estão acostumados. Além de questionar esses materiais, serão exploradas também videoartes e quaisquer outros audiovisuais que possam ajudar no proces-so de uma ressingularização que se coloque na linha de combate contra a estandardização dos comportamentos alimentada pela mídia através da reprodução cíclica, com novas roupagens, dos mesmos tipos de informação. Optou-se pelo vídeo experimental uma vez que, já que o intento é problematizar os traços da grande mídia, é importante que não compactuemos com seus padrões estéticos de imagem. Por isso, o experimental servirá como a tentativa da descoberta do novo sem compromisso com o circuito comercial, como uma produção de signos que surgem de uma experiência em que os estudantes possam estar o mais livres quanto for possível para criar. Nesse sentido, o processo de criação é o ponto chave das oficinas. Não serão realizadas aulas destinadas exclusivamente para a explicitação de técnicas tradicionais da produção audiovisual como roteiro, direção, iluminação, enquadramentos ou edição. Conforme as necessidades dos alunos forem aflorando, poderemos explorar algumas dessas técnicas, mas sem que haja a necessidade de um domínio técnico avançado ou com ideais visuais enaltecidos pela grande mídia.

Então, o desenvolvimento das oficinas será feito através de bate papos coletivos que nos ajudarão a discutir os modos de vida na contemporaneidade, as implicações dos meios de massa em nossos modos de agir e a lógica ecosófica. Alguns assuntos serão levados como sugestão de pauta, mas conforme os participantes da turma forem se conhecendo, poderemos pensar quais serão os tópicos abordados para que melhor atendam aos interesses e necessidades do grupo.

Além dos diálogos, também serão propostas algumas experiências na tentativa de colocar em prática algumas das ideias levantadas durantes as discussões. Nesse processo é que será proposta a produção dos vídeos experimentais, ou seja, não haverão momentos preestabelecidos para a produção audiovisual e para as experiências. Eles estarão imbricados um no outro e vão ir acontecendo conforme o ritmo em que cada um dos participantes for sentindo-se capaz e desejar produzir sentidos para expressar os pensamentos que forem surgindo.

Exemplo de uma dessas experiências pode ser visto através de um breve esboço daquilo que poderá ser uma das oficinas chamada de Oficina da luneta de papel:

Nesta ocasião, será proposto um recorte singular no olhar: os participantes serão provocados a percorrer trajetos cotidianos, porém segurando um canudo – a luneta em questão – feito de papel sobre um olho, sendo que o outro olho estará fechado. A experiência visa proporcionar uma ressingularização do

olhar por meio de um desconforto momentâneo (causado pela limitação da capacidade visual) que busca desterritorializar um olhar acostumado/viciado pelos estímulos midiáticos. A pequena luneta de papel, inspirada em uma ação realizada por Cláudio Tarouco de Azevedo (2013), é capaz de gerar uma nova moldura ao olhar, fazendo com que este precise adaptar-se à nova condição.

Essa ação vislumbra "uma estética que brota de um recorte, de um novo que surge com a limitação do olhar e que, paradoxalmente, amplia esse olhar" (ibid., p. 234). Através da momentânea limitação do olhar afunilado no canudo, nasce a provocação de uma maior atenção aos detalhes e direções que vão sendo percorridas. Em função dessa experiência peculiar, o olhar fica à margem de modificações que tendem à aguçar sua sensibilização, culminando em um olhar que desabrolha desse enqua-dramento singularmente meticuloso. Esta oficina já foi realizada pela pesquisadora uma vez sob o título Vídeo Experimental – Olhar Sensível como um teste. A ação foi executada de manei-ra voluntária na 4º Semana Acadêmica dos Cursos Técnicos de Comunicação Visual e Design de Interiores, promovida pela Coordenadoria de Design do Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas. A produção e a análise dos dados sobre a experiência estão em curso e serão apresentadas no primeiro trimestre de 2018, na ocasião da dis-sertação referente ao trabalho do qual estamos falando.
Algumas das outras oficinas que serão propostas giram em torno de experiências relacionadas à devires humanos e não humanos, à questão da representatividade, da solidariedade e de possibilidades de reciclar materiais ao invés de con-sumir desenfreadamente.

Por intermédio das oficinas, vislumbra-se um trabalho que possa ramificar em frutuosas possibilidades de relações humanas e inumanas solidárias e de estruturação de um corpo social que se institua através de subjetividades enriquecidas pela valorização das formas raras de vida, da dessemelhança e das peculiaridades.

A ação pretende produzir dados que possam dar suporte para outros educadores que estejam dispostos a construir um processo de ensino e aprendizagem pluralizado e que, mais do que respeitar, valorize a potencialidade criadora da diferença e da singularidade como possibilidade de novos modos de vida mais justos e solidários.

Referências:

ADORNO. Theodor. Indústria cultural e sociedade. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
AZEVEDO, C. T. Por uma educação ambiental biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais. 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2013.
DEBORD. Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
GUATTARI, Félix. As três ecologias. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.
MACHADO, Arlindo. Pioneiros do vídeo e do cinema experimental na América Latina. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, v. 37, n. 33, p. 21-40, jun./set. 2010.

[1.] Pesquisa orientada pelo professor Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo na linha de pesquisa de Ensino de Arte e Educação Estética.

[2.] Segundo pesquisa realizada em outubro de 2016 pela Kantar Ibope, os quatro canais de maior audiência na televisão brasileira são: 1º - Rede Globo, 2º - Rede Record, 3º - SBT, 4º - Bandeirantes. Disponível em: https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/11/08/em-outubro-audiencia-da-tv-aparecida-supera-multishow-discovery-e-warner.htm. Acesso: 12/02/17.

[3.] Para tentar delinear o que seria o vídeo experimental, Arlindo Machado (2010) adentra o prisma cinematográfico ao contar que até a chegada da década de 60, os filmes eram basicamente divididos entre ficções e documentários, não existiam muitos mecanismos de subversão para extrapolar esses limites. Contudo, começava a borbulhar uma tenra produção, principalmente de fora das margens do sistema comercial, que não se encaixava em delimitações simplistas. As mudanças iam acontecendo não só no cinema, mas também no ramo do vídeo propriamente dito através das ações de videoartistas. A partir das metamorfoses que a cena videográfica vinha sofrendo, as criações que não podi-am ser inseridas nas classificações tradicionais eram denominadas como experimentais. É nessa direção, e na da descoberta de novos sentidos e visualidades através da experiência audiovisual desatada de compromissos técnicos, que as oficinas propostas são pensadas.

ROQUETTE-PINTO E A PRODUÇÃO DE VÍDEO

Vânia Dalpont

Mestranda em Educação Matemática/UFPel

Resumo

Roquette Pinto foi um pesquisador brasileiro do século passado que em 1910 pensava como utilizar a tecnologia no dia a dia da escola. O artigo pretende compreender como essas ações passaram por resistência de outros teóricos quase impedindo a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo. A pesquisa qualitativa com abordagem bibliográfica aponta que muitas ações de Roquette Pinto são utilizadas hoje em uma dimensão ampliada.

Introdução

Falar de produção de vídeo estudantil é algo comum dentro de algumas escolas brasileiras onde os smartphones contribui com a possibilidade do aluno produzir vídeo. Essa ação que tem início fora do espaço escolar já adentra o espaço escolar de diversas formas. Uma ação que vem crescendo dentro dos últimos 10 anos e segundo Pereira (2014) possibilita que alunos e professores produzam vídeo no espaço escolar. Vários preconceitos ainda existem dentro do fazer vídeo, como apresentado por Pereira (2012), porém essa ação é discutida desde o século passado pela Escola Nova.

A Escola Nova tem início com Rui Barbosa em 1882 influenciado por John Dewey, filósofo americano que defendia que a escola deveria mudar o foco do aprendizado não deveria preparar para a vida, mas sim, a própria vida. O foco não é apenas o conteúdo, mas, o que ensinar e para quem ensinar. O movimento da Escola Nova ganha impulso em 1932 com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 dentre os manifestantes destacamos Cecilia Meirelles, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Jonathas Serrano e Roquette-Pinto. Acreditavam que a Escola Nova ajudaria na modernização, e democratização da sociedade. Segundo Lourenço (1950) A escola que Dewey dirigia as classes deixavam de ser locais onde os alunos estivessem sempre em silêncio, ou sem qualquer comunicação entre si, para se tornarem pequenas sociedades, que imprimissem nos alunos atitudes favoráveis ao trabalho em comunidade. Não entraremos aqui no debate sobre as ações da Escola Nova e claro os seus opositores.

Queremos destacar a relação entre o uso do cinema na sala de aula na visão de dois grane educadores.

Desde a década de 1930, o cinema e a educação mantinham um namoro a distância. As revistas de cinema apoiavam e divulgavam essa relação como a revista Cinearte[1] Cinema e Educação. Porém era salientado o aspecto negativo dos filmes, e os professores deveriam tomar cuidado com o que era exibido. Conforme salienta Almeida sobre o cinema o

> Educador não pode desprezá-lo: deve introduzi-lo na escola, modi-ficando processo e métodos de educação; e deve introduzir a educa-ção no cinema, para orientá-lo e desviá-lo dos desacertados atalhos a que o levam os interesses mercantis do capitalismo mundial. (ALMEIDA, 1931, p.146)

Canuto Mendes de Almeida (1931) explica que os filmes clássicos também

poderiam ter ações nocivas à regularidade das ações morais. Na mesma época vários professores começam a debater a relação entre Cinema e Educação. Além de Almeida, destaco o professor Lourenço Filho[2], que nessa época, alertava para o fato de que o cinema também poderia ser usado de forma negativa na formação moral da sociedade, exibindo imagens e ações contra os costumes vigentes. O autor acreditava que o professor deveria selecionar com cuidado os filmes que os alunos poderiam assistir. Professores influenciados por esses pesquisadores criaram um movimento de cen-sura indireta aos filmes da época. Levantaram a bandeira em prol do "bom" cinema.

Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, em 1931, publicam o livro "Cinema e Educação", explicando para os professores como deveriam utilizar o cinema dentro de um contexto educacional. O livro apresenta algumas das características morais que o filme educativo deveria conter, dentre elas, o conteúdo a ser usado na construção moral do aluno. Serrano era um homem muito religioso, participou da criação da Revista Social, direcionada aos jovens católicos do Brasil. O autor achava que o cinema deveria divulgar boas ações para serem copiadas pelos jovens. Com essa ideia, Joaquim Canuto Almeida também demonstrava a preocupação com o cinema.

A preocupação com os efeitos dos meios de comunicação e seus produtos culturais para a formação de crianças e jovens é uma das marcas da trajetória profissional e intelectual de Serrano. Ao propor a organização de uma biblioteca para a mocidade e a publicação de uma revista com o mesmo fim, busca contribuir para selecionar e direcionar a literatura de ficção e não ficção a que estes jovens cató-licos do Brasil teriam (ALMEIDA, 1931, p. 50).

Serrano defendia o filme de emoção sadia, não piegas, nem ridículo, mas humano e patriótico. "Propugnemos o filme brasileiro, sem exagerações, documental, de observação exata, serena, sem legendas pedantes, sem namoros risíveis nem cenas de mundo equívoco em ambientes indesejáveis" (SERRANO, 1931, p.184). Serrano se preocupava com o que os alunos iriam entender da moral dos filmes. Pelo seu lado religioso, acredito que ele dava ênfase às histórias que contribuam para formar um ser humano melhor.

Para Serrano, as pessoas deveriam ter uma relação com o filme marcada pelo raciocínio frio e abstrato e não mais pelo sentimento. Um público que, entendido como um todo homogêneo, não seria capaz de agir racionalmente diante da influência negativa do cinema.

Os livros "Cinema contra Cinema", de Joaquim Canudo Almeida (1931), e "Cinema e Educação", de Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho (1931), são as primeiras tentativas, no Brasil, de organizar o uso do filme dentro do espaço escolar. Segundo Alvarenga essas ações levaram o gover-no federal a criar um decreto em prol do cinema e educação. O decreto 21.240, de 1932 que prevê a criação de uma Taxa Cinematográfica para Educação Popular, bem como a criação de um órgão especial ligado ao Ministério da Educação e Saúde Pública.

A década de 1930 com o surgimento do novo governo revolucionário de Getúlio Dorneles Vargas cria outros debates dentre eles sobre a educação uma disputa entre a igreja católica que era contra a laicização do ensino o que fazia a igreja ser contra o movimento da Escola Nova que era um grupo de professores e pesquisadores que desejavam modificar o modo como a educação brasileira está sendo conduzida, e uma delas tirar a visão religiosa que as escolas da época apresentavam. O cinema fica no alvo do governo e de professores pois contribui na forma que o cidadão, no caso aluno, passa a ver a sociedade.

Esse debate se estende para a criação de um convênio que debatesse essa relação entre cinema e educação, sendo assim no dia 3 de janeiro de 1933, o Convênio Cinematográfico Educativo foi aberto com um discurso de Roquette Pinto, defendendo o uso

do Cinema no processo educacional. Roquette-Pinto apresenta propostas do Cinema Educativo para contribuir com a sociedade.

Não é raro encontrar, mesmo no conceito de pessoas esclarecidas, certa confusão entre o cinema educativo e o cinema instrutivo. É certo que os dois andam sempre juntos e muitas vezes é difícil ou impossível dizer onde acaba um e co-meça o outro, distinção que aliás não tem de fato grande importância na maioria das vezes. No entanto é curioso notar que o chamado cinema educativo, em geral não passa de simples cinema de instrução. Porque o verdadeiro educativo é outro, grande cinema de espetáculo, o cinema da vida integral. Educação é, principalmente ginástica do sentimento, aquisição de hábitos e costumes de moralidade, de higiene, de sociabilidade, de trabalho e até de vadiação. Tem que resultar do atrito diário da personalidade com a família e com o povo. A instrução dirige-se principalmente à inteligência. O indivíduo pode instruir-se sozinho, mas não se pode educar senão em sociedade. (Alvarenga, 2012)

Debates como esse sobre o que é o cinema e como usá-lo no espaço escolar contribuíram para que, no dia 3 de janeiro de 1933, o Convênio Cinematográfico Educativo fosse aberto com um discurso de Roquette-Pinto, defendendo o uso do cinema no processo educacional.

Esses movimentos e encontros levam Roquette-Pinto a pensar na criação de um órgão que ajudasse a desenvolver o Cinema com o viés educativo e que, principalmente, exibisse imagens de diversas regiões do Brasil para as escolas do país. Assim, tem início a criação do Instituto Nacional Cinema e Educativo (INCE), em 1936, tendo como diretor Roquette-Pinto. A função do INCE era documentar as atividades científicas e culturais realizadas no país, para difundi-las, principalmente, na rede escolar.

No início do século XX, existia a influência da sociologia a estabelecer que a sociedade era o corpo humano, e o sangue eram os trabalhadores que deveriam ser ajudados para ter uma orientação e cumprir suas ações para o coletivo. Roquette-Pinto absorve essas teorias e apresenta os meios de comu-nicação como uma forma de plasma que orienta e une a sociedade em certo objetivo: "Mostrar o Brasil para os brasileiros". Porém os grupos sociais estavam insatisfeitos, pois o INCE realizava vídeos sobre cultura e não debatia as mudanças sociais que estavam acontecendo no pais. Na década de 1960, os movimentos sociais ajudam a criar o Instituto Nacional de Cinema (INC), e jovens cineastas iniciam um movimento de mostrar o país e seus problemas financeiros e políticos. Filmes como "Bye Bye Brasil" (1979), "O Pagador de Promessa" (1962), "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964), além de crítica positiva, mostram o país que as emissoras de TV não apresentam. A crítica social é o forte do movimento conhecido como Cinema Novo[3] .

Depois do fim do INCE percebemos que não existiu da parte do governo uma medida para que o Cinema e a Educação tivessem uma ligação mais profundo. Apenas em 2014 com a lei 13006 que obriga as escolas a exibirem filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Porém a lei até o momento não foi regularizada sendo assim sem efeito prático nas escolas.

O que percebemos é o crescimento de alunos produzindo vídeos dentro do espaço escolar. Segundo Pereira, (2006) a escola pode buscar respostas aos novos desafios da sociedade na produção de vídeo escolar. Vivemos em um tempo histórico e social em que a imagem é um espaço de socialização. A escola tem hoje a possibilidade de não ser apenas reprodutora e/ou consu-midora de imagens. A ela cabe estimular o aluno a criar e buscar novos conhecimentos, apropriando-se deles com e através das novas tecnologias. Os programas de inserção das novas tecnologias nas escolas ficam, na maioria das vezes, voltados apenas a colocar computadores nas escolas, no entanto, também devem agregar filmadoras e máquinas fotográficas, contribuindo

com uma nova alfabetização. A alfabetização da imagem deve ser conteúdo nas escolas, dentro das Artes Visuais e nas mais diferentes disciplinas. Segundo Pereira (2012), a produção de vídeo é considerada um espaço para o aluno expressar a sua cultura e a sua individualidade. Para o autor, a socie-dade atual criou diferentes linguagens para se comunicar, dentre elas o cinema, TV, rádio, computador, internet etc. É o que o autor chama de Peda-gogia da Comunicação e tem como objetivo introduzir, na escola, todas es-sas linguagens que a sociedade usa, para que o aluno aprenda com a realidade e não encontre tanta diferença entre a escola e a sociedade, pois, Nessa "civilização visual", o cinema foi um elemento importante para que o mundo iniciasse seu processo de retribalização.

No Brasil a relação cinema e educação passa por algumas etapas, dentre elas a moralização do cinema feita por Jonathas Serrano e Francisco Venâncio, e a educação popular realizada por Roquette-Pinto. Acreditamos que Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, não imaginavam que em tão pouco tempo jovens teriam acesso a todo tipo de conteúdo audiovisual, via sites de exibição de vídeo como o YouTube. Roquette Pinto sonhava que o audi-ovisual fosse realizado e exibido em escolas para divulgar ações educativas, agora podemos assistir vídeo em qualquer espaço com várias mídias diferentes. Será que assistimos mais vídeos educacionais? O que Roquette-Pinto acharia destes vídeos feitos por estudantes?

Referências

Alan Carneiro. Roquette Pinto. FGV, 2008 http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ROQUETTE-PINTO.pdf. Acessado dia 10 Maio 2016

ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. Cinema contra cinema. Bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil. São Paulo: São Paulo Editora, 1931

ALVARENGA, Ana Gabriela. Os Intelectuais da Educação da Década de 1930 Vinculados a Comissão de Censura Cinematográfica. X seminário Nacional de estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil Universidade Federal da Paraíba, 2012

CARVALHO, Viviane, Batista. As Influências Do Pensamento De John Dewey No Cenário Educacional Brasileiro. Revista Redescrições– Revista on line do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 1, 2011 – Acessado dia 17/03/2017

CASTRO, Ruy. Roquette-Pinto, O homem multidão. Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC. Rio de Janeiro. 1996.

FILHO, Lourenço. Introdução ao estudo da Escola Nova. São Paulo: Melhoramentos, 1950. p. 133.)

PEREIRA, Josias. Produção de Vídeo nas Escolas Uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador. ERD Filmes, 2014.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer. Pelotas: ErdFilmes Editora, 2012.

ROQUETTE – PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. Revis-ta USP, São Paulo n.1, mar/mai, 1989

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, SP: Auto-res Associados, 2004

SERRANO, Jonathas. Narrativas sobre Cinema – Tais Campelo – caderno de ciências hu-manas – especiaria v 10,n17 jan/jun 2007 pgs 57 – 76

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 3º. Ed., 2003

[1] A revista Cinearte foi fundada em 1926 por Mário Behring e Adhemar Gonzaga.
[2] Foi um dos mais eminentes educadores brasileiros do início do século XX, realizou pesquisa sobre psicologia aplicada a educação.
[3] Movimento cinematográfico que desejava realizar filmes de baixo custo e forte impacto.

NEUROCIÊNCIA E A PRODUÇÃO DE VIDEO ESTUDANTIL

Josias Pereira

Professor do curso de Cinema e Audiovisual e da Pós-graduação Educação Matemática/ UFPel

Resumo

O referido trabalho tenta elucidar qual a relação entre a Neurociência e a produção de vídeo estudantil. Analisamos algumas das teorias descobertas sobre o funcionamento do cérebro humano e como essas ações podem ser utilizadas no dia a dia da sala de aula ou já especificamente na produção de vídeo estudantil. Percebemos que muitas teorias que já apontavam o sensível contribuindo na aprendizagem passa a fazer sentido na visão da neurobiologia.

A escola geralmente apresenta a palavra inteligência para gratificar os melhores alunos com frases de elogio e notas entre 8, 9 e 10. Já os alunos considerados não inteligentes ganham outros adjetivos e notas abaixo da média. Fui um desses alunos cheios de adjetivos que não qualificava o substantivo e nem o sujeito. Afinal, o que é inteligência? Segundo Gardner (1995), a palavra vem do latim intellectus que pode ser traduzida como intelligere = inteligir, entender, compreender. Seria a capacidade de compreender e raciocinar. A inteligência seria a capacidade de escolher entre duas situações. Na década de 1980, Howard Gardner concluiu uma pesquisa em que defendia que o cérebro humano é dividido em nove partes e todas do mesmo valor e importância. Segundo o pesquisador, cada pessoa possui um tipo de inteligência e desenvolve aspectos de cada uma. Será que a Escola no seu dia a dia trabalha essas inteligências?

A relação escola e inteligência não é algo novo. Em 1900, o psicólogo Alfredo Binet contribuiu com o governo francês, desenvolvendo um instrumento para testar as habilidades das crianças parisienses com ênfase nas áreas verbal e lógica, a base era a dos currículos acadêmicos. Dessa ideia, surgem os primeiros testes de QI. O objetivo, a princípio, era separar alunos "normais" dos com problemas. Após a primeira guerra mundial, o "teste de QI" foi popularizado no mundo, medindo a inteligência dos soldados. Em 1912, Stern cria o termo "QI" (quociente de inteligência) para representar o nível mental e propor o uso do termo idade cronológica e idade mental.

No Brasil, essa ideia de medir o QI das pessoas para as atividades quase nos fez perder um grande jogador de futebol. Segundo Modernell (1992), o psicólogo esportivo João Carvalhaes, que atendia a seleção brasileira de futebol em 1958, realizou um teste de QI com os jogadores cujo resultado apontou o jogador de menor QI, quase um débil mental, Garrincha[1], que quase foi cortado da seleção brasileira.

Gardner (1995) de forma diferente defende a teoria das múltiplas inteligências. Para o autor, cada pessoa, em determinado grau, possui uma performance em qualquer área de atuação e em qualquer momento da vida, o que difere de Piaget que acreditava que os aspectos de simbolização partem de uma mesma função semiótica em um determinado momento. Gardner (1994) defende que os processos psicológicos independentes são permeados quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos, gestuais etc.

As diversas habilidades do indivíduo fazem parte de sua carga genética. Cada inteligência tem sistema próprio de pensamento ou processamento de informação, para isso é importante o uso da

cultura para a decodificação dos signos já adentrando as pesquisas de Vigotsky. Para Gardner (1994), a noção de cultura é importante para o entendimento da Teoria das Múltiplas Inteligências. Como Vigotsky, Gardner defende a importância do estímulo externo no desenvolvimento do indivíduo, e, principalmente, o ser valorizado pelo ambiente. Cada cultura valoriza certos talentos que devem ser passados para as gerações seguintes dentro das necessidades do grupo. Sendo assim a produção de vídeo ajuda na relação alunos e professores tendo como base o ambiente, a escola o bairro a morada do aluno. Assim muitos professores que nem conhecem o bairro para a ter uma relação diferenciada entre os alunos e o bairro.

Gardner defende que na evolução do cérebro cada hemisfério se organizou de uma forma especifica.

Múltiplas inteligências na produção de vídeo

Talvez neste momento o leitor se pergunte o que a produção de vídeo tem a ver com múltiplas inteligências e que eu estou divagando em um texto que não faz sentido. Calma, bem por várias razões políticas e sociais a década de 1990 foi denominada, pelo Congresso Americano, de a década do cérebro, com investimento e pesquisas realizadas sobre o funcionamento cognitivo. Alguns conceitos teóricos foram refeitos e reformulados em função dessas pesquisas, dentre elas a Neurociência, que desponta como uma teoria expoente moderna, explicando os vários funcionamentos do cérebro. Como leitor de tecnologia, conheci a neurociência e suas divisões: neurobiologia, neurofisiologia e neuropsicologia no início da década de 1990. Dessas relações, a que mais me chama a atenção são as relações da mecânica com a informática, principalmente robótica, presentes nos conceitos do professor Miguel Nicolelis[2].

Dessas leituras, cito alguns pesquisadores da área de neurociência, dentre eles, o pesquisador Cosenza, professor aposentado do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais e Jaime Luiz Zorzi, que faz parte do grupo de pesquisa "Princípios neuropsicolingüísticos da avaliação da leitura e escrita"; a professora Telma Pantano, que é professora e coordenadora dos cursos de neurociências e neuroeducação da CEFAC-SP; a professora Marta Pires Relvas, pesquisadora na área de Biologia Cognitiva e Aprendizagem e Membro Associada da Sociedade Brasileira de Neurociência e o professor José Meciano Filho, doutor em Neurociência pela UNICAMP, Bacharel em Medicina, Diretor da Faculdade de Medicina da PUCCAMP, professor de Neuroanatomia, Anatomia Humana e Base Neurológica, na UNICAMP e PUCCAMP. Esses professoras e pesquisadores apresentam as novidades da neurociência, dentre elas como o prazer é importante para o processo educacional. É um campo novo que tanto a educação como a comunicação devem compreender e usar os conhecimentos em prol dessas áreas. Por outro lado, o trabalho com imagem possibilita participação ativa do espectador, que a trata como parceiro ativo, emocional e cognitivamente.

Para Gardner (1994), temos sistemas de inteligências (habilidades) em partes independentes entre regiões do cérebro divididos em lobos (Lobo frontal, Lobo parietal, Lobo temporal, Lobo occipital). Cada indivíduo apresenta desenvolvida uma área cerebral. Aprendemos de diferentes maneiras, e uma delas se repete: a que sai do concreto, do sensível em direção ao abstrato. António Damásio (1996), em seu livro "O Erro de Descartes", apresenta o fato de que as emoções são indispensáveis para a nossa vida racional, pois são elas que nos fazem únicos. O autor aponta que a separação entre mente e corpo apresentada por Descartes não é possível em função da importância do elemento emoção em novas ações e no dia-a-dia. O que se passa no cérebro são operações mentais que influenciam o corpo e vice-versa. As emoções são uma parte indispensável da nossa vida racional; elas permitem o equilíbrio das nossas decisões.

A Neurociência é um campo que vem despontando nos últimos anos, de certa forma confirmando o que muitos

teóricos já apontavam em estudos e pesquisas, de que a comunicação, e principalmente a emoção, é um elemento importante dentro do aspecto do aprendizado. Segundo o ganhador do prêmio Nobel de Medicina, Dr. Roger Sperry[3], o raciocínio lógico, o cálculo e a análise são próprios do hemisfério esquerdo; já o hemisfério direito é intuitivo, usa a imaginação, o sentimento e a síntese. Nosso cérebro é dividido, e a imagem tem um peso importante na nossa formação e concepção. Segundo Pantano (2009), dos dois hemisférios que possuímos, é o hemisfério direito que funciona a partir das imagens, principalmente as que criam maior impacto. Assim, as emoções funcionam como um elemento catalisador que grava no cérebro o que é mais importante, ou seja, ajuda na memória de longo prazo.

Um exemplo da especialização de cada hemisfério é quando se tem duas ações que o cérebro tem que fazer ao mesmo tempo, uma para cada hemisfério: ler uma palavra e ver uma cor. A seguir, vê-se como os hemisférios têm dificuldade de realizar duas ações ao mesmo tempo, pois, quando se tenta falar a cor, não há problema de entendimento, já que a cor está simbolizada pela palavra característica.

Figura 1[4]

Se for realizado de outra forma, a pessoa vai apresentar dificuldade de leitura, ou seja, a cor está simbolizada por palavras diferentes, e, nesse momento, os hemisférios do cérebro tentam realizar a leitura da palavra, e da cor, de modo separado, o que dificulta a atividade. Tente falar a cor e não ler a palavra.

Neste momento tem-se dificuldade de ler apenas a cor, pois cada hemisfério tenta fazer a leitura do que está vendo. Um faz a leitura da cor e o outro a leitura da palavra. Por isso a dificuldade de ler. O hemisfério esquerdo lê a palavra, e o hemisfério direito vê a cor.

Perceba leitor que a produção de vídeo pode colaborar justamente na união entre o racional e o emocional. Conforme Cosenza (2011), a aprendizagem e a memória são caras de uma mesma moeda, e a memória é ativada pela emoção. Existe emoção no processo de fixar a informação. Essa informação é importante pois vivemos em um espaço escolar onde a emoção não tem espaço, pelo contrário. Já na produção de vídeo o que mais vemos e a alegria do grupo sendo assim contribui no processo de aprendizagem dos alunos. Para Casassus (2009), Maturana (1998) e Gutierrez (1993), as emoções têm um papel importante no desenvolvimento do sistema biológico.

Com a imaginação marginalizada é impossível educar para a criatividade, a liberdade e a participação. Assim a imaginação e a capacidade de inventar conceitos, de criar imagens... são, portanto, uma faculdade vital e essencial para poder educar já que inventa o que não existe, removendo do limbo as possibilidades e convertendo em projetos de realização. (GUTIÉRREZ, 1984, p.16)

A emoção em nossa sociedade não é vista como algo importante, pelo contrário, ela atrapalha a lógica vigente do sistema[5]. Nas escolas e nos concursos para as universidades as melhores notas são dadas às respostas lógicas e não emocionais[6]. O que se cobra é a lógica, a emoção fica de fora do âmbito educacional, porém a emoção é um importante elemento para consolidar o registro de uma informação. Ela ativa o circuito executivo que faz a pessoa "prestar" mais atenção no que está acontecendo, dando ênfase aos circuitos sensores que estão com a atenção redobrada. Um exemplo simples é quando um aluno tem que fazer uma exposição do seu aprendizado. A exposição é um ótimo exercício para os registros feitos pelo aluno em seu cérebro, pois a emoção de apresentar, recordar as ações, vencer o medo e a timidez contribuem para que aquela exposição seja algo diferenciado dentro do espaço de aprendizagem.

Para os neurobiólogos, ao ensinar aprendemos, em função dos processos mentais que temos que fazer aliados à emoção de saber se é capaz de fazer. A exposição obriga o sujeito a uma elaboração profunda das informações, estabelecendo ligação entre registros. Essas informações são repetidas e elaboram o pensamento, a emoção do apresentar; o medo cria mais associações entre os receptores, além de gerar uma forte emoção no aluno. A emoção é importantíssima para a consolidação dos registros e para a seu resgate em necessidades futuras.

A emoção e a sensibilidade constituem porta de entrada no mundo dos meios de comunicação. Uma formação docente com mídias imagéticas vai além de relações lógico-cognitivas entre sujeitos. Privilegia a comunicação afetiva, permitindo-lhes um „mergulho" nas sensações proporcionadas ao contato com elas (PORTO, 2006, p.9)

Do ponto de vista da neurobiologia, as emoções são fenômenos que apontam a presença de algo importante ou significante em um determinado momento da vida de um indivíduo. As emoções mobilizam o sentido, apontando que algo importante está ocorrendo e que é necessário desviar a atenção e todos os mecanismos para resolver tal procedimento. O professor de neurociência, Ramon Cosenza, da Universidade Federal de Minas Gerais, defende que as emoções são importantes para o processo educacional.

Na nossa cultura as emoções costumam ser consideradas um resíduo da evolução animal e são tidas como um elemento perturbador para a tomada de decisões. As emoções têm contribuído para os seres humanos tomarem a melhor decisão para a sobrevivência da espécie. (COSENZA, 2011, p.76)

Outro ponto a chamar atenção é que para o sujeito aprender a falar não é difícil. É algo natural, desde que tenha estímulo, pois, segundo Cosenza, existem circuitos no hemisfério esquerdo específicos para essa função. Aprendemos a falar de modo natural, porém para leitura não há circuitos especializados, deve ser aprendida por meio de dedicação e exercícios, ou seja, a leitura é uma adaptação do cérebro; a leitura é uma modificação do nosso cérebro para que aceite a leitura como algo

natural. Essa pode ser uma das "dicas" para o problema de leitura que existe no Brasil. Nosso cérebro deve se adaptar para essa realização, o que nem sempre gera prazer.

> Aprender a ler é uma tarefa complexa que exige várias habilidades, entre elas, é claro, o conhecimento dos símbolos da escrita e a sua correspondência com os sons da linguagem. (...) maus leitores parecem não ter a habilidade de identificar adequadamente os sons constituintes das palavras, o que os impede de fazer a conexão automática da representação gráfica das letras com os sons. (COSENZA, 2011, p.104)

Não podemos deixar de pensar que o nosso cérebro é a parte mais importante do sistema nervoso. É através dos nossos sensores que a informação chega até ele. As informações que chegam são analisadas e comparadas com as nossas vivências e expectativas. Nossos circuitos nervosos são constituídos por dezenas de bilhões de células, os neurônios, células nervosas compostas por dendritos que captam informações de outras células; o axônio passa informação para outra célula.

O cérebro humano é formado por duas partes: uma é a massa cinzenta que são os neurônios, e a outra, é a massa branca que é formada, principalmente, pela mielina, um tipo de gordura que envolve os axônios e contribui para melhorar os impulsos elétricos. Albert Einstein, por exemplo, era recordista em massa branca. Quando ele morreu, seu cérebro foi dissecado, e foi encontrada uma quantidade anormal de mielina. O cérebro precisa de um tipo de gordura que são os ácidos graxos omega3 que possibilitam um ambiente ideal para a troca rápida de mensagens entre as células, afirma Cosenza (2011).

Nesse sentido, a informação que o cérebro capta já se apresenta de forma distorcida. Segundo Cosenza (2011), um jogador treina para que seus sensores primários (motores) executem da melhor forma o que o setor terciário (cérebro) organizou (pensou). Assim, nosso pensamento é organizado através de uma boa ligação entre neurônios, sensores e cérebro.

Segundo Zorzi (2009), essa especialização é realizada pelas sinapses, locais que regulam a passagem de informação no sistema nervoso e têm importância na aprendizagem. Para o autor, é no processo de encefalização (crescimento e desenvolvimento do encéfalo) que existe o acúmulo de neurônios formando circuitos cada vez mais complexos. Esses circuitos contribuíram na capacidade e na criação de novas habilidades, que, na interação com o meio ambiente, tornam possível o surgimento de comportamentos sofisticados, os chamados sensores, possibilitam que a informação chegar ao cérebro.

Para Zorzi (2009), a atenção é importante, pois temos vários estímulos e devemos focar qual deles deve ser analisado pelo nosso cérebro naquele instante, pois não há o registro de todas as informações ao mesmo tempo, por isso a importância da atenção para o cérebro poder dar destaque. O nível de vigilância ou alerta está ligado a um grupo de neurônios que regula a vigilância, que possui um tom azul. Seu principal neurotransmissor produzido por esse neurônio é a noradrenalina.

Segundo o pesquisador José Meciano Filho[7] (2012), os professores da escola infantil são os que mais utilizam a neurociência, pois são os que mais utilizam o prazer e o lúdico no processo educacional. Um dos pontos importantes apresentado pelo pesquisador é que o cérebro se dedica a aprender aquilo que ele percebe como significante.

Quando alguém fala o endereço de uma rua, a pessoa que escuta guarda mentalmente. Esse é um processamento verbal da informação, mas, se além disso, a pessoa pegar um mapa, olhar a trajetória e algumas fotos do lugar, será um processamento espacial. Mais sensores estarão armazenando a informação para que a pessoa possa recordar o endereço de forma mais fácil, recuperar o registro, lembrar a informação. Para Cosenza (2011), o registro é o que guarda o novo para ser resgatado em um futuro próximo. Quando a pessoa pensa em um gato, várias

informações, registros dos diversos sensores ficam à espera de serem acionados, à espera do nível de ativação. Quando a pessoa elege, dá atenção a um registro, então começa a pensar sobre o gato e recebe a informação referente àquele registro. Exemplo: penso no gato e lembro (foco em um registro) que ele é sedoso; aparece outro registro sobre o que é ser sedoso. Posso não dar foco a esse registro e volto ao registro do gato e lembro que (foco um registro) se puxar o rabo dele, ele pode arranhar. Já posso ter medo do gato ou mexer nele com mais cuidado. Outro registro focado me lembra que se fizer carinho no rosto e no pelo dele, o gato vai gostar. Ou seja, a cada ação que eu faço aparecem vários registros das diversas áreas que captaram a informação sobre o assunto. Posso escolher um registro, conceder atenção ao foco ou apenas descartar e continuar a olhar o gato, simplesmente esperando outros registros. A experiência anterior é importante, pois se o gato já arranhou a pessoa, é esse registro que será ativado. A força do registro associado à imagem texto-tátil-visual e a experiência contribuem para o registro ser permanente. Se não armazenamos a informação com apenas um registro, como a escola pode ser estruturada em apenas o registro lógico? Por que não utilizar a emoção como forma de aprendizagem também?

Segundo Cosenza (2011), as emoções têm contribuído para os seres humanos tomarem a melhor decisão para a sobrevivência da espécie. Elas mobilizam o sentido, apontando que algo importante está ocorrendo e que é necessário desviar a atenção e todos os mecanismos para resolver tal procedimento. Do ponto de vista da neurobiologia, as emoções são fenômenos que apontam a presença de algo importante ou significante em um determinado momento da vida de um indivíduo. A emoção mobiliza recursos cognitivos como a atenção e a percepção. O professor José Meciano Filho, no programa da TV Puc Campinas do dia 23/04 de 2012, apresenta como o cérebro aprende e para o autor a emoção é importante dentro do contexto educacional.

Os estímulos do ambiente refletem diretamente ao aprendizado que está ligado ao desenvolvimento do cérebro. A utilização de estratégias de música e jogos aliados ao prazer e afeto em dinâmicas escolares produzem alterações positivas na relação ensino aprendizado no cérebro. (Programa Ponto de Encontro 2012)

Qual o problema de os professores trabalharem com essa nova linguagem que toma conta da sociedade que é a produção midiática? Qual o motivo da resistência?

Pensamos que uma das grandes resistências ao audiovisual provém da dificuldade que os homens de Gutemberg, principalmente os intelectuais franceses, têm em admitir a validade da imaginação ou da afetividade nos processos de conhecimento e de ensino. (BABIN, KOULOUMDJIAN, 1989, p.105)

Babin (1993) aponta um dado já defendido por McLuhan (1972) sobre as mudanças sociais que vive o homem da cultura visual – as mudanças nas escolas estão acontecendo. Porém, algumas disciplinas ainda tentam ensinar o básico. Qual aluno quer aula de Windows ou aprender a copiar um arquivo? A experiência do aluno com a tecnologia já faz isso; a escola deve sair para outro patamar.

Freinet (1974) foi um dos educadores que apontou que o fazer é importante na formação do aluno. O aluno que entende o seu contexto, que se comunica com outros alunos e é produtor do conhecimento, tem melhores condições de integração à sociedade. Em seu livro "Pedagogia do Bom Senso", Freinet apresenta um confronto entre a pedagogia tradicional e a escola proposta por ele, para a qual o fazer é importante. Ele acreditava que a escola era inadequada e fora da realidade dos alunos. Propunha que ela fosse voltada para a realidade, para a vida social. Uma escola ativa, em que a aquisição do conhecimento deve ser processada de maneira significativa e prazerosa.

Se o aluno não tem sede de conhecimentos, nem qualquer apetite pelo trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido „enfiar-lhe" nos ouvidos as demonstrações mais eloquentes. Seria como falar

com um surdo. Você pode elogiar, acariciar, prometer ou bater... o cavalo não está com sede! E cuidado: com essa insistência ou essa autoridade bruta, você corre o risco de suscitar nos alunos uma espécie de aversão fisiológica pelo alimento intelectual, e de bloquear, talvez para sempre, os caminhos reais que levam às profundidades fecundas do ser. (FREINET, 1974, p.19)

Talvez falte à escola gerar essa sede, essa fome, essa curiosidade. Será que não temos capacidade de gerar isso? Será que a produção de vídeo contribui com esse processo? Em 1923 Freinet realizava jornais de forma pedagógica. Em pleno século XXI temos medo dos vídeos que os alunos possam fazer na escola. Será que retrocedemos? Como visto, pode ser em função do momento histórico que vivemos na década de 1964. Nossos alunos sonham e se divertem fazendo vídeo. Será que não precisamos ser crianças para sonhar?

Se você não voltar a ser como uma criança..."não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso.(FREINET, 1974, p.24)

Freinet, dentre outros, foi uma das pessoas que pensou a escola de forma diferente, iniciando um movimento de renovação pedagógica. Desejava superar o ensino memorístico, divorciado da vida, da realidade dos alunos. Ferrés, em seu livro Vídeo Educação (1996), apresenta uma pesquisa realizada pela sociedade americana Socondy Vacuun OIL Co Studies (1971), afirmando que os estudantes memorizam:

10% do que leem
20% do que escutam
30% do que veem
50% do que veem e escutam
79% do que dizem e discutem
90% do que dizem e depois realizam

Pela pesquisa apresentada, os estudantes na escola tradicional gravam 50% do que veem e escutam. Se levarmos os percentuais para a área da produção audiovisual, podemos afirmar que a aprendizagem estaria no âmbito dos 90%, pois os alunos se lembram de que fazem e pesquisam para a realização de projeto de vídeo. Eles debatem o tema, trocam informação. Caso aceitemos essa linha de pensamento, podemos lembrar que o mestre Freire (1973) defendia que a educação é comunicação, é um encontro de sujeitos que buscam significação dos significados. Ensino é comunicação.

Acredito que a produção de vídeo pode ser um espaço de encontro entre docente e discente e espaço escolar. Professores que já produziram vídeo com seus alunos sabem que depois da realização muitas coisas acontecem, dentre elas a relação docente e discente. Percebemos em pesquisas além da relação alunos que participam melhoram a nota, passam a ter olhar mais crítico, melhora a autoestima e a sua relação com a escola. Estamos em um momento onde é NECESSARIO professores e pesquisadores analisarem este procedimento técnico e Artísitico e analisar o que acontece na escola e com os alunos depois que realizam vídeo. A neurociência é uma das teorias que podem elucidar essas ações, mas não é a única e nem a derradeira. Precisamos de você professor/pesquisador para escrever e ajudar a área a crescer como um todo.

Referências

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marrie F. Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

CASASSUS, Juan. Cadernos de Pesquisa (on line). São Paulo, 2001. A reforma educacional na América Latina no contexto da globalização. Fundação Carlos Chagas. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300001. Acessado em: 12 jan. 2012.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor . Neurociência e Educação Como o Cérebro Aprende. Minas Gerais: Editora Artmed, 2011.
DAMASIO, António. O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

FREINET, Célestin. O jornal escolar. Lisboa: Estampa. 1974.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: A teoria na prática 1. ed. Porto Alegre Artes Médicas, 1995

GUTIÉRREZ Francisco. Educación y comunicación en el proyecto principal. Santiago: UNESCO, 1984

GUTIÉRREZ, Francisco. Escritos Pedagógicos. Segovia: Escuela Universitaria de Magisterio, 1993

PEREIRA, Josias. A Produção de Vídeo Nas Escolas- Educar com Prazer. Pelotas: UFPel, 2012.

MATURANA, Humberto. Da Biologia a Psicologia. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MCLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1972.

MODERNELL, Renato; GERALDES, Elen. O Enigma da Inteligência. Globo Ciência, Rio de Janeiro, v.2, n. 15, p.56-63, out. 1992

PANTANO, T; ZORZI, J.L. (Org) Neurociência Aplicada à Aprendizagem. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2009.

PORTO, Tânia Maria Esperon. Aprendizagens com tecnologias, artes e comunicação em cursos de formação docente. Educação (UFSM), 2006.

---

1. Garrincha (1933-1983) foi um jogador de futebol brasileiro. Bicampeão pela seleção brasileira em 1962, é considerado o maior driblador de futebol da história do futebol brasileiro. Informação disponível em http://www.e-biografias.net/garrincha/ acessado dia 06/07/2013

2. Foi considerado um dos 20 maiores cientistas do mundo no começo da década passada, segundo a revista Scientific American.http://www.scientificamerican.com/podcast/episode.cfm?id=835EFB22-D4E1-ADD9-068213BE0712AA2C, acessado em 18/03/2012.

3. http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/lateralidade.html, acessado em15/01/2013.

4. www.iplay.com.br/ acesso 14/03/2013

5. Aqui faço referência à lógica do mercado capitalista para a qual o lucro financeiro fica em primeiro lugar.

6. Um exemplo seria explicar a escravatura no Brasil, poderia ser de modo emocional, falando das torturas e efeitos ocorridos na raça negra, e outro seria explicando como os livros apresentam de forma indiferente as humilhações sofridas. Quem receberia nota máxima?

7. Entrevista ao programa Conexão Brasil, canal TV Século 21 com a presença do neurocientista professor da Unicamp/SP e PUC/SP.

REVISTA ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

SALA DOS PROFESSORES

Resenhas e relatos sobre projetos de vídeo estudantil, formas pedagógicas e técnicas aplicadas

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL – UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM POSSÍVEL E SURPREENDENTE

Izabel Cristina S. dos Santos

Professora Prefeitura Municipal de Capão do Leão

Nos dias atuais observa-se que, dentre as páginas mais acessadas na Internet, estão as que oportunizam ao usuário assistir a vídeos digitais dos mais variados estilos e com as mais diversas finalidades, bem como também alguns destes sites, disponibilizam a estes usuários a possibilidade de inserir seus próprios vídeos. Diversos estudos apontam que dentre estes usuários, os mais interessados são crianças e adolescentes e que tal interesse por este tipo de mídia justifica-se pelo estilo motivacional desse tipo de atividade.

Pensando nesta atividade extremamente atraente como uma aliada no processo educacional, surge a produção de vídeos estudantis na escola como uma prática com um enorme potencial pedagógico a ser utilizado.

Porém, antes de falar dessa experiência, se faz necessária uma contextualização histórica. Falar sobre os métodos e modelos ultrapassados utilizados ainda hoje em sala de aula, nos resultados alarmantes dos testes que demonstram que anos de escola não têm acrescentado saberes significativos ao educando, no crescente número de analfabetos funcionais ou ainda na desconexão da escola com o mundo moderno e sem a inserção de tecnologias, parece-nos muito recorrente e banal.

Perpassando por todos os estágios de reconhecimento da crise educacional instaurada, surge a convicção de que algo precisa ser feito e com rapidez. Mas o quê? Como transformar esse incômodo que nós professores sentimos a cada aula dada que parece não ter surtido nenhum resultado satisfatório, em algum saber?

Este incômodo gera um desconforto que nos leva a buscar um algo a mais, uma novidade, uma alternativa, nos leva a experimentar novas formas de ensinar e aprender; então surge a produção de vídeo como um experimento que pode levar a uma proveitosa troca de saberes significativos entre professores e alunos.

Vemos a produção de vídeo como possibilidade para todos os sujeitos envolvidos experimentarem, dentro do espaço escolar, diversos debates e situações que esta proposta pode suscitar, desde a escolha do tema, a criação de um roteiro, a edição, até sentirem-se inseridos dentro de um contexto dinâmico e que realmente faça sentido para eles. Propor, através de atividades das quais eles tenham prazer em participar, contextualizadas com sua realidade, um trabalho com e pelo o coletivo – como a produção de vídeo – onde também possam desenvolver capacidades para avaliar o papel social e estético que a mídia exerce em nossas vidas tem se mostrado uma alternativa significativa.

Dentre os vários benefícios educacionais apontados pela literatura específica podemos citar a valorização do trabalho em equipe, o respeito à opinião do colega, o desenvolvimento de múltiplas habilidades como inteligência matemática, linguística e espacial, bem como, a superação de medos e da timidez.

A ideia aqui apresentada diz respeito a uma iniciativa realizada em sala de aula, uma prática pedagógica proposta através de um Projeto do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas que objetivou propor aos alunos a realização de vídeos de até 10 minutos, com a utilização

de seus próprios celulares, onde eles deveriam ser autores e atores de sua criação, participando efetivamente como sujeitos ativos nesse processo e não mais como meros expectadores.

Por meio da produção destes curtas é possível trabalhar gêneros textuais diversos com os alunos, pois é preciso levar em conta a pluralidade e a heterogeneidade dos textos, relatos orais, visuais, musicais, audiovisuais, etc.

Ao integrar as narrativas digitais ao currículo como um espaço para o exercício da criatividade, proporciona-se aos alunos um espaço para a expressão da estética e para a expressão visual, que também é uma habilidade de comunicação a ser desenvolvida e que pode possibilitar inúmeras "leituras de vida".

Devemos pensar no uso das tecnologias em sala de aula não apenas como uma forma de auxiliar o sistema antigo de ensino, preocupado somente com a transmissão do conhecimento, e sim, pensar em seu uso como propiciador de mudanças. Nessa perspectiva é importante a utilização de diferentes linguagens para abordar o conhecimento e estabelecer relações, defendendo o uso da tecnologia como uma forma de inserir a aprendizagem escolar nos modernos processos de comunicação, não apenas como meio para amenizar o tédio do ensino.

Precisamos estar atentos ao fato de que as mídias fazem parte do nosso cotidiano e de nossos alunos de forma muito contundente, o desenvolvimento tecnológico é tal que hoje podemos obter informações em tempo real, e estas, promovem constantes mudanças na sociedade, o que acaba afetando também o nosso sistema educacional.

Buscamos com tal experimento, romper com velhos paradigmas e abrir novos espaços para a utilização das mais diversas tecnologias, pois a escola não pode ignorar o que se passa no mundo e na comunidade ao seu redor, sob pena de se desqualificar ainda mais.

Acreditamos que é preciso repensar na situação educacional atual, aproveitando o experimento de produção de vídeos para inverter a antiga disposição de papéis onde o professor, por raras vezes lançando mão de recursos tecnológicos, conta histórias ou transmite conteúdos e sim, levar os próprios alunos a se tornarem contadores de histórias, e uma das vantagens de se trabalhar com vídeos é que ele aceita a autoria de um coletivo, incentivando a necessidade de compartilhar sentidos e emoções.

Tivemos a oportunidade de participar do referido Projeto durante o ano de 2016 no município de Capão do Leão, onde através de uma proposta do Prof. Dr. Josias Pereira da UFPEL feita à Secretaria Municipal de Educação, ele ofereceu a todos docentes da rede, oficinas ministradas pelo próprio, orientando como desenvolver e trabalhar a produção do vídeo estudantil como prática pedagógica; oficinas estas que culminaram no 1º Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão, que , sem dúvida alguma, podemos dizer que foi um marco para a comunidade escolar, um sucesso.

Recebemos um total de 24 vídeos, das 6 escolas da Rede Municipal de Ensino que participaram do Projeto. Contando com a orientação de 9 professoras, cerca de 150 alunos escreveram seus roteiros, trabalharam em equipe, superaram dificuldades, gravaram e editaram seus vídeos.

O resultado e os vídeos podem ser acessados pelo endereço eletrônico: https://festvidcapaodoleao.wordpress.com/2016/12/12/vencedores-e-premiacoes/

Gostaríamos de ressaltar as opiniões das professoras que participaram do Projeto que, em seus relatos, falaram dos saberes por elas desenvolvidos através desta proposta, das aprendizagens proporcionadas com o experimento, que cada uma dentro da sua área (pré-escola, currículo, artes, português, matemática, ciências, ...) desenvolveu das mais variadas formas, através da Produção dos Vídeos com seus alunos, não somente o conteúdo programático da sua disciplina, mas foi possível ir muito além ,

acrescentando inúmeros elementos que a linguagem do vídeo oferece para uma produção efetiva de saberes do coletivo.

Lembramos aqui que todos envolvidos tiveram, através das Oficinas com o professor, que superar antigos infundados medos "do computador", tiveram e se propuseram a aprender a utilizar ferramentas tecnológicas, a utilizar programas de edição de vídeo, de áudio, etc., ou seja, se reinventaram enquanto educadoras, refletiram sobre sua própria formação e desenvolveram novas práticas com o uso das tecnologias.

Entre os sujeitos envolvidos, observamos que múltiplos saberes emergiram através da Produção de Vídeos, passaram a pensar no ensino não mais de uma forma estática e descontextualizada, mas real e com movimento, onde o conhecimento dos alunos foi valorizado, alunos estes imersos hoje em dia em um ambiente do audiovisual, da imagem e do som, através da Internet, mas que conseguiram ter interesse pela proposta que exigiu outras habilidades deles dentro do espaço escolar.

Podemos afirmar, com convicção, que as marcas na trajetória pessoal e profissional de todos envolvidos, foram extremamente positivas e significativas, e que, neste novo ano, novas experiências surgirão através da continuidade do Projeto em nossas escolas.

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA – OFICINA DE CINEMA JG

Andrea Rodrigues

Professora Prefeitura Municipal de São Leopoldo

A Oficina de Cinema da Escola João Goulart, em seu segundo ano de existên-cia, propôs, após alguns experimentos com filmagens fora do espaço escolar, em aventurar-se com a realização de um média-metragem. Se para a realização de um filme profissional envolve uma gama de setores, para atores e atrizes estudantis, então, torna-se, em grande parte dos casos, uma tarefa árdua, pois envolve não apenas a logística do transporte e seus gastos, mas a autorização dos responsáveis, o controle do horário escolar, figurinos, ali-mentação e tantas outras situações. Contudo, a necessidade do grupo de alunos de se superar, aliada com a paixão pelo cinema, foram o catalisador para realizarmos, o trabalho com o clássico de Miguel de Cervantes, Dom Quixote.

Inicialmente, após a leitura do livro e elaboração do roteiro com os alunos, conseguimos autorização para realizarmos o filme em uma fazenda localizá-da no bairro Lomba Grande em Novo Hamburgo. Dividimos os alunos em três grupos: configuração de figurinos, configuração de adereços, edição e câmera. Dividimos também qual segmento cada professor iria orientar, sendo que a parte de edição e câmera seria feita com a orientação de ambos os professores. A produção de figurinos e adereços levou em torno de dois meses para ficar pronta, pois se teve que construir um cavalo ao estilo bumba-meu-boi, espada, escudo, lança, armadura de papelão, além da pesquisa de figurinos de época e levantamento de capital junto à direção da escola para compra de tecidos.

Paralelo ao processo de construção realizamos uma oficina de preparação de atores que englobava exercícios básicos de integração de grupo, concentração, interpretação, improvisação, dicção e postura cênica diante dos enquadramentos que iríamos utilizar. Logo, foi preciso repassar junto com o grupo da edição e câmera quais seriam os melhores planos e ângulos para serem utilizados nas filmagens. A maioria dos enquadramentos acabou sendo de planos abertos (gerais), planos conjuntos e médios, planos próximos (close-up) e planos com panorâmicas nas transições de cenas/ambientes. Quantos aos ângulos usamos em sua maioria frontais e 3/4.

O grupo de alunos responsáveis pela edição e câmera realizou uma visitação, junto com os alunos que iriam interpretar Dom Quixote e Sancho Pança ao espaço para estudarem quais seriam os ambientes mais interessantes para as filmagens, tornando-se assim uma equipe responsável também pelas locações. Enquanto isso, os atores principais iam aprendendo a montar em cavalos junto aos peões da fazenda para as tomadas que envolveriam montaria. Alguns momentos de muita descontração e risadas aconteceram neste dia. Os alunos que fizeram os personagens de Dom Quixote e Sancho Pança nunca haviam montado antes. Sancho, o mais medroso, montou, com ajuda do seu Lulu (capataz da fazenda). Já sobre o animal, o menino não sabia como fazer para que o cavalo obedecesse a suas ordens. O cavalo andou de ré durante um bom pedaço da estrada, enquanto o cavaleiro, aos berros perguntava como fazia para engatar a primeira.

Com tudo pronto, as gravações foram agendadas para os sábados, pois além

de envolver alunos fora do ambiente escolar, muitos deles não estudavam no mesmo turno. Logo, usamos três sábados (sendo que um na parte da manhã e tarde) para filmarmos todas as cenas externas, deslocando o grupo conforme as cenas que iriam ser gravadas. Após a finalização, concentramos dois dias de gravações na escola para as tomadas internas.
Durante as gravações, fizemos um novo amigo, um cachorro que nos acompanhava sempre em todas as filmagens. Quando chegávamos, ele estava esperando e por onde íamos, ele estava junto. Acabou aparecendo em algumas cenas e foi promovido à participação especial, recebendo a alcunha de Cusco amarelo, já que ninguém na fazenda sabia de onde ele era e tampouco o haviam batizado.

Para a captação do áudio, problema bastante presente nas filmagens, utilizamos como alternativa a dublagem dos alunos após as gravações. Os volumes das vozes oscilavam muito mesmo utilizando celulares escondidos próximos às cenas. Conseguimos um professor de música para que compusesse a trilha sonora e nos auxiliasse com sons ambientes que deixamos escapar durante as filmagens.

O processo de edição levou mais tempo, pois paralelo ao filme também estávamos com outros projetos de filmagens, mais as tarefas de docência de final de ano. Logo, o grupo da edição e câmera editou quase a totalidade do filme deixando apenas o final para os orientadores devido às férias escolares. Contudo, os atores aproveitaram esse período para fazerem suas dublagens e analisarem suas atuações e o resultado final.

O filme, desde o processo de leitura em Julho de 2015, foi apresentado em Novembro de 2016 no Anfiteatro da antiga sede da Unisinos em um evento aberto para toda comunidade.

Perguntados sobre o processo de realização do filme e a importância da ex-periência, os alunos lembraram-se de alguns momentos muito peculiares:

- A dificuldade de decorar um texto com uma linguagem um tanto re-buscada, bem diferente da que eles usam cotidianamente.
- O aprendizado de uma história muito interessante de uma pessoa que para muitos pode ser vista como um lunático, mas que de certa forma representa o sonho, a imaginação e a fantasia de todos nós.
- A importância de se fazer cinema dentro e fora da sala de aula.
- A convivência com os professores e os colegas de outras turmas, principalmente os colegas que normalmente não eram de seu círculo de amigos.
- A possibilidade de crescer como aluno, como pessoa, se expondo e tornando-se mais desinibido.

Além disso, foram destacadas algumas cenas engraçadas:

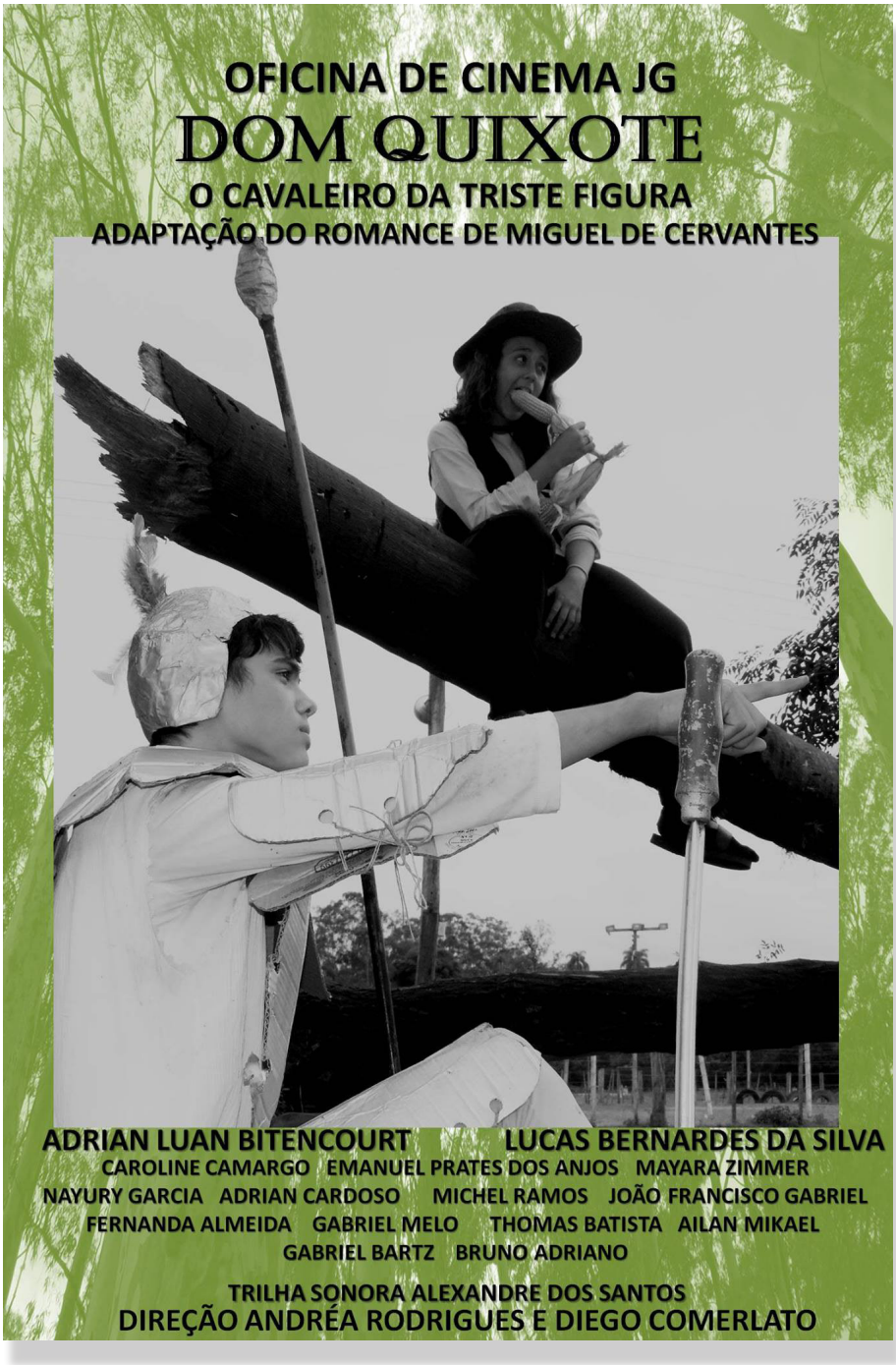
- As primeiras montarias, já descritas anteriormente.
- A cena em que a Ama esqueceu uma fala. Ela deveria dizer: A ilha vi-rou de cabeça pra baixo, e afundou nas ondas por causa do peso do ouro. Como ela não se lembrou da fala, a professora "soprou" para ela: "de cabeça pra baixo... De cabeça pra baixo... a ilha virou de cabe-ça pra baixo..." Sancho Pança acabou se confundindo baixando a cabeça achando que ele devia virar de cabeça pra baixo. Foi um erro de gravação muito interessante e que rendeu muitas risadas.
- Outro momento engraçado foi a cena do cavalo mágico, onde Dom Quixote e Sancho Pança são enganados pelo duque e a duquesa, acreditando que estavam montando em um cavalo que os levaria muito alto, nas nuvens. A cena contava com um momento que os cavaleiros acreditariam que estavam voando e passando por ventos muito for-tes e uma tempestade. Como eles estavam vendados, foi preparada uma bacia de água para respingar algumas gotas sobre eles e logo após, foi derramada toda a água nos dois. A cena contou com o ele-mento surpresa, o que deu maior veracidade ao momento.

Consideramos a experiência muito importante para o crescimento do aluno e a descoberta do seu potencial, visto que, ele foi protagonista em todo o processo do filme. Muitas mudanças foram ocorrendo, de acordo com as

dificuldades encontradas e suas respectivas soluções. Fazer cinema na escola compreende uma proposta de mudança e rompimento com o convencional, visando um descortinar de um novo mundo, onde além de espectador, pode ser ator, diretor, roteirista e editor. O aluno sai da platéia e se permite viver algo que antes não lhe era possível.

Dom Quixote nos traz a mensagem de uma pessoa que ousou viver seus sonhos, mesmo que de uma forma considerada por tantos utópica.

O filme pode ser visto em:
https://www.youtube.com/watch?v=p8MZXAKhQuQ



A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA SALA DA DIVERSIDADE – FERRAMENTAS PARA TRANSFORMAÇÃO

Indiara Tainan Passos dos Santos

EMEF Pe. Orestes João Stragliotto – São Leopoldo-RS | EMEF Olavo Bilac – Novo Hamburgo-RS

Existem várias maneiras de se pensar sobre uma mesma realidade, bastando para isso um ajuste de foco, o detalhamento de uma imagem ou a reformulação total da vida para que possamos refletir de forma mais ampla sobre ela.

E o espaço da Sala da Diversidade (SD), proposta no ambiente escolar, tem justamente a função de possibilitar que se enxergue o mundo não pela perspectiva da dificuldade, da deficiência ou mesmo da incapacidade: um convite para ver o mundo com todas as cores, potencialidades e desafios.

Proposta que nasce do desafio de ser local de acolhida e escuta para crianças e adolescentes em situação de risco, vulnerabilidade que necessitem de um olhar afetivo e integral (porque não transdisciplinar), para além da sala de aula, a SD buscou lacunas no currículo regular e formal (e fora dele), para estimular e pensar alternativas àqueles que em muitos casos, eram indesejados em suas turmas e/ou escolas.

Na junção de tentativas e parcerias na escola e em outros espaços, no anseio de dar outro sentido para a escola, na vida destes pequenos e jovens, a possibilidade de recontar a vida e proporcionar uma participação protagonista veio através da Produção de Vídeo Estudantil.

Na convergência de esforços, com muitas ideias e sonhos na cabeça, junto de câmeras e celulares nas mãos, partimos em uma viagem sem volta ao fantástico mundo do cinema.

E a SD jamais foi a mesma!

Nascia aí uma forma de ensinar e aprender ouvindo os relatos e vivências de dentro e fora da escola, dos lares, da comunidade escolar e das riquíssimas histórias de vida transformados em laboratório para nossas produções: a vulnerabilidade da vida dos adolescentes (15 Anos, filme de 2014); as violências domésticas (Em Busca de Paz, 2015); Racismo e preconceito / diferenças culturais (Preto, Pardo ou Negro, 2016); Bullying e violência / machismo (Saia Curta, 2016).

Aos poucos o desinteresse pelas aulas, por certas disciplinas e pela leitura e escrita dá lugar ao empoderamento e às várias sugestões de roteiros feitos á mão ou escritos no celular.

Autoestima é palavra de ordem, parte da vida daqueles desacreditados pela vida ou família, que conseguem vencer a si mesmos e às dificuldades: O céu e as telonas são o limite!

Toda a experiência adquirida e amadurecimento deram ao grupo uma grande força e empenho em superar-se, e logo ao início das aulas é possível ouvir: "´Sora´, sobre o que vamos filmar este ano?" ou "Quando vamos começar a nos reunir? ". E esta é uma enorme satisfação ao saber que o compromisso aumenta na mesma proporção do interesse dos estudantes.

E todos as horas de filmagem e edição; criatividade que substitui a falta de recursos valem todo o sacrifício e nos mostram uma enorme porta para o mundo onde a tela ´muitas vezes é a janela para a felicidade!

E o que tem depois dela: O mundo inteiro!

Sala da Diversidade é um Projeto Elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo, no ano de 2013, aprovado pelo Conselho Municipal de educação, onde são atendidos estudantes com dificuldades de aprendizagem, situações de vulnerabilidade social e traumas que estejam dificultando o ser e estar na escola. Atua como apoio dos professores e estudantes, e é referencia articuladora de vários projetos dentro e fora de sala de aula com o intuito de trazer autoestima, fortalecimento e assim proporcionar aprendizagem e aproveitamento dos estudos. Eu, Indiara Tainan Passos dos Santos, fui a professora pioneira neste trabalho que hoje abrange quase todas as 46 escolas do município de São Leopoldo.

AULA DE ARTES PARA ALÉM DO DESENHO AUDIOVISUAL NA CONSTRUÇÃO COLETIVO-COLABORATIVA

Karine Ferreira Sanchez

Professora da Prefeitura Municipal de Rio Grande

Neste breve relato pretendo registrar minhas experiências, nos últimos dois anos, na produção de vídeos estudantis. Devo iniciar lembrando e agradecendo que esse interesse, ainda que previamente existente, despertou e aflorou com o convite à participação no II Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande, proporcionado pela parceria entre a Universidade Federal de Pelotas - UFPel, através do curso de Cinema e Animação, e a Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande – SMEd. Sou professora da disciplina de Artes na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Seguro, onde minha matrícula contempla a atuação na EJA – Educação de Jovens e Adultos. Antes, porém, de relatar sobre nossos vídeos traço uma introdução acerca de minhas con-siderações sobre a produção audiovisual de que nos cercamos no microcos-mos, assim como sua interferência na educação escolar.

Atualmente o audiovisual é uma possibilidade popular de dimensão nunca antes imaginada. Há alguns anos que a captura fotográfica do dia a dia é atravessada ou superada pela, antes, mágica possibilidade de registro ainda mais detalhado do momento: a imagem em movimento e simultânea ao som que lhe acompanha. Além das febris "selfies" o ato de filmar tem, no tempo-espaço em vigência, uma importância e uma facilidade que beiram o "inevitável", quando descrevemos a cultura de massas. É claro que considerando uma região e classe de pessoas com suporte financeiro para portar a tecnolo-gia necessária.

Também não é incomum nos surpreendermos com a qualidade da formação, estudo e treinamento dos atores e atrizes mirins no cinema e televisão. Fica evidente que a construção dos elencos para filmes, seriados, novelas e propagandas tem uma concorrência considerável. Este pode ser mais um indicativo, ainda que não estritamente ligado às vanguardas artísticas, de que o audi-ovisual enquanto produção poética e/ou narrativa tem aumentado suas proporções cada vez mais. Vários teóricos têm se debruçado sobre os estudos da pós contemporaneidade, mas até mesmo intuitivamente poderíamos supor que a explicação do fenômeno do audiovisual, está intrincado com a cultura do imediatismo, do polêmico e do "ver para crer", em detrimento da leitura, da investigação, e da imaginação, muito mais vivenciadas pela infância e ju-ventude até a virada do milênio.

No entanto até aqui não estamos falando de arte, muito menos de aulas de artes. Como professora posso testemunhar que, tanto na graduação – licenciatura, como nas formações continuadas proporcionadas pela Secretarias Municipais, além das reuniões com coordenação pedagógica um preceito é sempre respeitado e repetido: considerar a realidade do aluno, isto é, partir do interesse comum dos educandos, percebendo a cultura local e de seu tempo, seus interesses e anseios. Creio que nunca houve tanta efemeridade na juventude quanto agora, nunca houve tanto exagero de descartabilidade da cultura de consumo como temos visto hoje em dia, mesmo considerando o caráter inquieto e questionador da adolescência enquanto fase de todos os sujeitos. Portanto a reciclagem que a ordem formadora de professores deseja para eles torna-se um desafio cada dia maior, haja vista que, além de precisar apreender as emergências da juventude, bem como sua precocidade crescen-te para acompanhá-la, também não é possível abandonar completamente o currículo convencional. Sobre esse cenários aparecem diversos resultados. Desafortunadamente tem sido muito comum perceber a exaustão

e a deses-perança de muitos professores desestimulados com seus salários, mas sobre-tudo com crianças e adolescentes provindos de uma educação básica domés-tica cheia de lacunas, e permeadas pela nova ordem tecnológica, que mais se assemelha a uma epidemia.
Outros resultados também são perceptíveis, mas mesmo quando é atendido um anseio, quando algo positivo acontece na educação, poderá haver uma falta em outro lado, ou seja, tudo não se pode, nem se pode agradar a todos, ou esperar resultados padronizados. Por isso para cada desafio aceito há um risco. Na escola a novidade é tão encantadora quanto aterradora se considerarmos o nível de expectativa da comunidade. Mesmo na aula de artes, onde uma certa liberdade é esperada e bem aceita, existe a cobrança e até o pre-conceito, especialmente por parte dos alunos. Cobrança de respostas acerca de como justificar que determinada proposta é fundamentada como produ-ção de arte, e preconceito na perpetuação de uma cultura imaginária e tecnicista de crer que sendo arte não é, assim, tão importante. Apesar de vislumbrar uma perfeita adaptação de criação audiovisual em diversas disciplinas ainda acredito que é nas artes que ela deve se encontrar com sua parceira de nome sofisticado: a construção/linguagem cinematográfica. Modestamente e iniciadamente, é isso o que temos tentado em minha escola, é assim que acreditamos estar conjugando arte e audiovisual. É assim que acreditamos aproveitar as possibilidades tecnológicas e sociais de nosso tempo para edifi-car narrações, poesias, contar histórias, sonhar, inventar, imaginar e solidificar idéias. Compreendendo o abismo que existe entre essa construção artística e o registro do cotidiano: humilhações, crimes, acidentes, piadas, brigas, e tudo o mais que serve apenas para saciar a curiosidade imediata e maquiavélica humana, quase sempre incapaz de produzir o que quer que seja de posi-tivo.

No ano de 2015 recebemos o convite da SMEd para participar das oficinas preparatórias do II Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande. Incentivada pela minha colega e amiga Janise Fontoura aceitei e assumi o compromisso de fazer parte desse processo, realizando um vídeo com a turma da 4º etapa (9º ano) da EJA daquele ano. Os preparativos levaram muito mais tempo e apresentaram maior complexidade do que a produção em si, já que levei em conta reuniões com os alunos no horário de aula, mais para saber, de fato, quem estaria realmente comprometido na proposta do que propriamente para preparamos cenários, personagens etc. Não tardou a aparecer um roteiro, uma história escrita a quatro mãos, inspirada no romance dos próprios escritores. Este roteiro, no entanto, não estava, é claro, em formato específico de roteiro, embora se esforçasse para tal. Mas a abertura que deixava permitia adaptações que surgiam através do diálogo dos participantes, e que se faziam necessárias dados o tempo e espaço que tínhamos. O resultado foi um curta-metragem romântico e dramático, de menos de sete minutos, chamado "O Último Olhar", e que convencionei considerar um tipo de releitura de Romeu e Julieta. Enviamos para o Festival satisfeitos com nossa cons-trução, porém sem alimentar expectativas em relação à premiação. Para nossa surpresa e alegria fomos contemplados com o prêmio técnico de "Melhor Produção", e o prêmio de voto popular de "Melhor Vídeo".

Mesmo sustentando que o caráter competitivo não é um dos métodos mais prudentes ou politicamente corretos de se estabelecer em meio educativo é inegável que o reconhecimento de um esforço através da evidência, da saliência de "melhor" envolve nossos instintos e nos motiva. Isso é humano, e havendo um respeito civilizatório e uma ética no "julgamento", nada contém de violento ou desonesto. A alegria dos alunos e o impacto na escola foram de dimensões maiores que o esperado. E alimentada por esse sentimento positivo de confiança é que encarei, no ano seguinte (2016), a coordenação de ou-tros quatro vídeos com as novas turmas. Desta vez, além da 4º etapa da EJA, estavam compromissadas as três turmas de 9ºs anos da escola. Estudos com leituras e outras atividades, além de muito diálogo, foram empregadas para que o coletivo funcionasse e, novamente, muita confiança foi depositada naqueles que trabalharam nas edições, de forma mais individual. Mais uma vez tivemos o acolhimento do Festival tanto nas inscrições quanto nas premiações, o que foi responsável por muita alegria posterior e

muita expectati-va e trabalho duro durante as produções. No nosso caso o sentido de competitividade foi fundamental, apesar de um processo verbal e repetitivo de precaver os alunos quanto aos perigos e deselegância da vaidade e da arrogância, e alertá-los quanto ao comportamento desejável e maduro da humildade e da esportiva. Posso afirmar que o essencial foi feito com toda a qualidade que podíamos, e que nosso mérito não foi enfraquecido, pois foram escutadas as maneiras de fazer o melhor possível, dentro e fora do "set", antes, durante e depois das produções.

Todo esse trabalho árduo e expectativa despontou nas turmas envolvidas um grande ânimo e observando a potencialidade de tudo isso a mesma colega, Janise Fontoura, este ano na função de supervisora dos anos finais da manhã, me propôs a criação de um Festival de vídeo interno à escola, já que contávamos com quatro vídeos diferentes. Tratava-se de proporcionarmos aos alunos produtores a exibição de seus vídeos para toda a comunidade, e expô-los a um júri técnico e um júri popular, assim como providenciarmos a premiação por categorias. Para o júri técnico contamos com a participação de Cláudio Tarouco, Paula Martins e Alexandre de Leon, todos profissionais ligados à área de produção audiovisual. Para o júri popular foram contabilizados os votos dos alunos dos Anos Finais da escola, e dos professores. Para a realização de todas as etapas do nosso Festival foi fundamental a determinação, carinho e compromisso da colega Maria Luiza Nunes, efetivando-se já como uma organizadora do Festival, responsável também por nutrir a esperança de mantê-lo, anualmente. Este Festival também foi muito esperado e proporcionou uma valorização dos alunos nesse trabalho diferenciado. Chamamos de I Festival de Audiovisual da Escola Porto Seguro, e fomos, certamente, inspirados por aquele que originou todo o processo, e do qual proveio o convite para a escrita deste texto. Gostaria de registrar que, como professoras responsáveis envolvidas neste processo que demandou tantas atividades e desafios, temos certeza de que valeu a pena, de que a gratificação na "colheita dos frutos", neste sentido de realização, de missão cumprida, superou todas as dificuldades e desânimos encontrados.
Algumas das atividades para que a realização dos curtas e a conseqüente participação nos dois Festivais fosse possível se referiram a reconfigurar as aulas de artes, a inserir um novo tema e método de participação e estudo pois nem sempre haviam anotações ou leituras a fazer. Torna-se muito desagradável quando, diante disso, ouvimos, dos alunos, frases como: "a sora não deu nada hoje", ou "nem fizemos nada na aula". Essas falas são efeitos da educação convencional que muito vagarosamente se liberta das amarras tecnicistas as quais em nosso tempo limitam-se a representar-se através da escrita exaustiva no caderno, trabalhos gráficos ou escritos sob pressão, e as temidas provas, independente de compreender o que se está estudando. É ambíguo o fato de que os alunos não apreciam esses métodos, mas manifestam por eles mais respeito do que pelas aulas mais livres, onde o conhecimento é repassado de forma a marcá-los para além da escrita. Embora não seja adepta de uma total revolução dos métodos convencionais de sala de aula, até por perceber que os alunos, na sua maioria, não estão preparados para tal, insisto que devemos ousar mais e confiar no conhecimento que de-vemos repassar, assim como na maneira que melhor poderemos fazer isso, mesmo que ela seja nova.

O audiovisual entra aqui como conteúdo e método que pretende se relacionar mais estreitamente com a realidade dos educandos, tanto como crítica, adaptação e ponderação às emergências tecnológicas exacerbadas de nosso tempo, como pela possibilidade de composição complexa e poética, elevando a arte a novos níveis de entendimento e a diferentes possibilidades vocacionais no que diz respeito à participação individual e coletiva de uma "obra". Assim, superamos o estigma da aula de artes que perpetua principalmente o desenho e a pintura. Como expliquei antes não sou favorável ao abandono das metodologias reconhecidas, mas à inclusão de novas e à reciclagem.

Para finalizar este texto creio ser coerente e interessante anexar aqui a sinopse de cada um dos curtas de 2016, já que este texto foi

inspirado nesta experiência. Assim, disponho a seguir:

À SOMBRA DO PASSADO, da turma 9ºA trabalha a questão de gênero, ou seja, as problemáticas em torno do papel do homem e da mulher na socieda-de, o machismo, os mitos de preferências em experiências de lazer e cultura, e principalmente a homofobia. Leo, quando pequeno, sofreu um trauma sob incompreensão de seu pai, e carregou dentro de si uma frustração até a adolescência. Tornou-se um homofóbico violento, até entender que precisamos abrir nossos horizontes para as diferenças e superar preconceitos e dogmas que só causam sofrimento e deterioração da sociedade.

ALGO COMO KITTY, da turma 9ºB é uma homenagem ao livro trabalhado nos 9ºs Anos "O Diário de Anne Frank" e traz uma relação entre o século pas-sado e o nosso. O nazismo, horror vivenciado na Segunda Guerra Mundial, tem sua raiz comparada com o atual Bullyng. Acreditamos que a tendência à segregação e ao preconceito deve ser vista como antiquada, perigosa e ignorante, não condizente ao nosso tempo, cheio de possibilidades, e rumo ao progresso moral. Kitty, a menina principal no filme, é apresentada como a própria personificação do Diário de Anne, como se ele tivesse criado vida e chegado ao nosso tempo para uma importante mensagem. O que, de fato, aconteceu.

DEUS DE PAUS, da turma 9ºC é um videoclipe do artista e grande músico Marco Gottinari, natural de Pelotas, que não é celebridade por não estar presente nas mídias de massa, mas que tem seu trabalho reconhecido e respeita-do em grande parte do Brasil. Sua música trata a necessidade de uma tomada de consciência humana acerca de problemas de intolerância, desunião e degradação ambiental. Nosso clipe quer denunciar os perigos da tecnologia que distancia as pessoas, e as distancia do restante da natureza. Também apresenta a necessidade de respeito entre as diferentes religiões. A dança, elemento adicional de nosso vídeo, surge como ilustração artística do comunicado trazido pela música.

VÁ EM FRENTE, da turma 4º etapa da EJA revela uma história baseada em fatos reais, na qual há a superação de um jovem cheio de sonhos, porém imerso em um mundo de desmotivação, depressão e desesperança. Conflitos psicológicos e mágoas familiares o levam a uma tristeza que o impede de seguir em direção aos seus objetivos. Porém o contato prático com o futebol renova suas expectativas e lhe dá novo gosto de viver. Passa a valorizar-se, e aceitar o carinho e apoio das pessoas. Mesmo quando parece que o pior acon-tece, seguir em frente é fundamental, e continuar acreditando é a única alternativa. Nosso vídeo testemunha, de certa forma, o despreparo emocional dos jovens de hoje, diante de um mundo competitivo e cheio de informações. Confirmando o objetivo da Educação de Jovens e Adultos queremos dizer que todos nós podemos! Todos nós merecemos!

Encerro aqui o relato de minha experiência nesta área dos vídeos estudantis, a qual acredito que é deveras promissora, fértil e necessária aos nossos jo-vens e à própria arte. Através dela revivo minha própria juventude quando o sonho dourado de fazer algo para aproximar-me de um "fazer cinema" era tão cintilante quanto inalcançável. Perceber no olhar dos sujeitos em formação a preocupação genuína sobre fazer algo bem feito, em especial algo artístico, é muito mais inspirador, tenho certeza, do que qualquer produção individual. O status e o brilho artificial das celebridades presentes na produção audiovisual de massa, embora exerça um poder de persuasão não soma, in-ternamente, nada de construtivo na vida dos espectadores. Solidificar uma idéia, construir junto, dar alma e voz às personagens, dar vida a uma história multiplica, entre todos os envolvidos, uma satisfação, um brilho singular e puro, além de imprimir experiência e conhecimento. A experiência estética, tal como uma terapia, um lazer ou um trabalho remunerado, transforma os indivíduos, tocando na sua sensibilidade e ampliando seus horizontes, além de colaborar na cultura material e artística do mundo no qual estamos inseridos e pelo qual somos responsáveis. Se a escola, como instância mais fundamental da formação social dos sujeitos, puder abarcar essa possibilidade, tanto melhor para todos, e para nossa própria história.

É PRECISO TRANSVER O MUNDO; COMO?

Tânia Cristina Medeiros Cardoso
tania.crist@yahoo.com.br

O encantamento ao assistir a uma obra cinematográfica e o desejo de levar essa experiência para os alunos foi o viés que norteou a atividade "É preciso transver o mundo; como? ". Assistindo ao documentário "Só Dez por Cento é Mentira" de direção do cineasta Pedro Cezar, pensei que realmente era pre-ciso se permitir transver o mundo e o quanto essa seria uma atividade enri-quecedora para ser desenvolvida na escola através do olhar ainda não total-mente constituído dos alunos.
Na função de multiplicadora tecnológica em 2015 na Escola Municipal Professora Márcia Francesconi Pereira, Cabo Frio/RJ, busquei a parceria da professora de Língua Portuguesa Aline Monteiro Souza para desenvolvermos a atividade com suas turmas de 8º ano, apresentando a ela a ideia para o desenvolvimento do trabalho.
Como introdução, a professora Aline apresentou aos alunos a biografia do poeta Manoel de Barros dando destaque para o recorte do "Livro Sobre Nada", Editora Record, p. 75, transcrito abaixo, que seria a base para solicitação do exercício a ser desenvolvido com os discentes.

"A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo. "

Em um segundo momento os educandos assistiram e debateram o documentário "Só Dez por Cento é Mentira", Pedro Cezar, 78 minutos, que explora a "biografia inventada" e versos fantásticos do poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros, alternando sequências de entrevistas inéditas do escritor, versos de sua obra e depoimentos de "leitores contagiados" por sua literatura.

FIGURA 1 ALUNOS ASSISTINDO AO DOCUMENTÁRIO JUNTO COM A PROFESSORA REGENTE

Em um terceiro momento, fotografaram uma rachadura, borrão, mancha, descascado, etc. numa parede ou algo semelhante, para se transformar no contorno de um desenho que se revelaria através de uma animação dando forma a proposta de um olhar não constituído que traduzisse o mote do tra-balho: "É preciso transver o mundo; como? "

Dando sequência, no laboratório de informática educativa, conheceram al-gumas funcionalidades do editor de imagem Gimp (GNU Image Manipulation Program), programa de código aberto voltado principalmente para criação e edição de imagens, criado por estudantes universitários como alternativa livre ao Adobe Photoshop, que foi utilizado para criação da animação. No processo de produção também manipularam as imagens no programa Ko-lourPaint, editor gráfico similar ao Paint da Microsoft, para criarem o con-torno do desenho passo-a-passo (os alunos

idealizaram a imagem que for-mariam através do contorno do desenho e iam salvando gradativamente, frame a frame, para posteriormente montarem a animação).

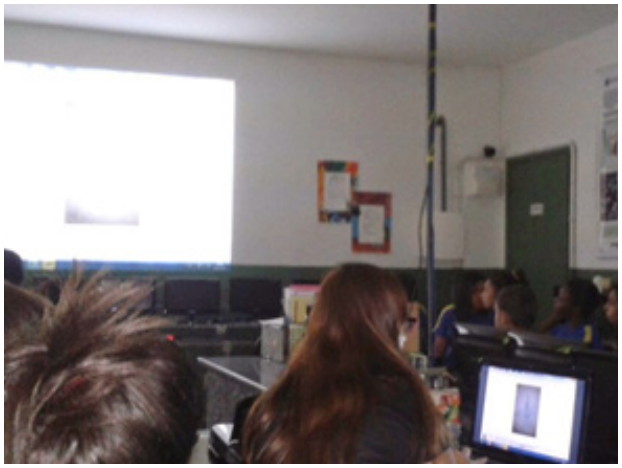


FIGURA 2 ALUNOS RECEBENDO INSTRUÇÕES PARA PRODUÇÃO DA ANIMAÇÃO

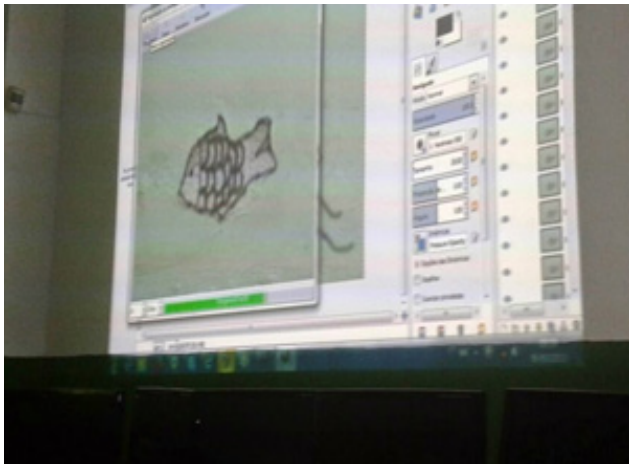


FIGURA 3 ALUNOS RECEBENDO INSTRUÇÕES PARA PRODUÇÃO DA ANIMAÇÃO

Para finalizar, as animações produzidas foram reunidas, acompanhadas de gravação de áudio dos estudantes respondendo ao questionamento "É preciso transver o mun-do; como?", transformando-se em um vídeo para cada uma das turmas.

FIGURA 4 SLIDES APRESENTADOS NA INTRODUÇÃO DO VÍDEO

O processo de edição dos vídeos foi orienta-do por mim e realizado por uma aluna que possuía maior domínio com as ferramentas disponíveis no editor Adobe Premiere.

FIGURA 5 PROCESSO DE EDIÇÃO DO VÍDEO

O recorte de três minutos do trabalho rea-lizado com as turmas pode ser visualizado através do link https://www.youtube.com/wa-tch?v=C_a2rS-soFo

O projeto audiovisual participou do VII FÓ-RUM DA REDE KINO: Educação, cinema e audiovisual dentro da programação da 10º CINEOP 10º CINEOP – MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO na categoria Kino Joel Pizzini ("Es-colha um poeta de que gosta. Dentre as poesias, escolha uma. Faça imagens a partir da poesia buscando criar relações com ela, à sua maneira. A poesia pode ser lida ou tradu-zida em imagens. Abstraia. "), I Mostra Márcia de Ci-nema realizada na Escola Municipal Professora Márcia Francesconi Pereira, I Cine Fórum de Cabo Frio dentro da programação do EMTEC - Encontro Municipal de Tecnologia Educacional de Cabo Frio e na programação do Festival de Cinema 9º Curta Cabo Frio, na categoria CURTA ESCOLA, deixando a profes-sora parceira e os alunos muito felizes em poderem compartilhar um pouco do que foi produzido em sala de aula.

Para professora Aline:

"Para mim, como professora de Língua Portugue-sa, é de ex-trema importância trabalhar o conte-údo de forma lúdica, di-nâmica e divertida. Tento trazer a realidade e o que os meus alunos mais gostam para dentro da sala de aula. Quando co-mecei o conteúdo memórias e biografias no oitavo ano, vi uma grande oportunidade de desenvolver a atividade de for-ma lúdica. Foi quando em par-

ceria com o projeto de cinema, preparamos uma atividade diferenciada com meus alunos. Escolhi o escritor Manoel de Barros e passamos para eles o documentário "Só Dez por Cento é Mentira". Nesse documen-tário, além de trabalhar com a vida e obra do autor, podemos enxergar como é possível usar a nossa imaginação. Nesse trabalho os alunos puderam enxergar 'além' do que seus olhos viam e através de borrões ou manchas na parede pude-ram criar imagens curiosas e divertidas. Trabalhar com o audiovisual em sala de aula é incrível, pois nos dá a oportuni-dade de perceber outras formas de conhecimento e interagir com outros meios de aprendizado. "

Manoel de Barros completaria 100 anos em dezembro de 2016. Já se foram dois anos sem o poeta que passou a infância desvendando os mistérios do pantanal, em Corumbá –MS. Como levar a obra do poeta ao conhecimento dos alunos, mantendo-a viva e eternizando esses momentos? Que tal experimentar/adaptar a atividade "É preciso transver o mundo; como? " Com seus alunos? Mãos à obra!

MEU PRIMEIRO FESTIVAL

Marlon Nunes[1]

Professor Prefeitura Municipal de Campo Bom

Com objetivo de utilizar as novas mídias, que tornam os educandos cada vez mais conectados, que se valem do uso de fotos e vídeos para compartilhamento de seus momentos, alegres ou tristes, iniciei, em sala de aula, há oito anos, a criação da produção cinematográfica de forma autônoma pelos alunos. A proposta trata de eles criarem um curta metragem do "zero", onde cada um tem a sua função, direção, produção, roteiristas, figurinistas, maqui-agem, câmera, iluminador, contrarregras, atores e atrizes. Os cargos são esco-lhidos democraticamente na turma através de conversa com o grupo e possível votação. Na maioria das vezes o bom senso impera, no caso específico dos atores e atrizes, fica para aqueles que têm interesse em aparecer na frente das câmeras e quando existem dois ou mais interessados na personagem são feitos teste de câmera com alguma cena do roteiro pronto, o grupo decide quem fica com o papel.

Com os curtas prontos, participamos de festivais de cinema estudantis do estado, onde já ganhamos diversos prêmios. Com apoio da direção da escola, colocamos no calendário escolar de 2016 o 1º Festicine 31, para incentivar professores e alunos que com temas livres, pudessem demonstrar todo seu potencial. O sucesso foi imediato com a produção de quatorze curtas metragens que abordaram vários temas: Preconceito, documentário, drogas, romance, filmes de época, ficção científica e comédia. Para valorizar mais os seus trabalhos, eu em conjunto com a turma que ministro Seminário Integrado, com projeto "TV Revolução" montamos uma apresentação especial, produzindo uma premiação com a mostra de todos curtas, jurados a presen-ça de pais, alunos, comunidade e imprensa local. Criamos um ambiente de "Oscar" com tapete vermelho entrevistas com os indicados e apresentações temáticas, a cada prêmio entregue.

A conclusão deste projeto demonstrou uma enorme união das turmas que tiveram que pesquisar figurinos, procurar os professores para ajudar em fatos históricos, nos filmes de época, uma das produções precisava saber como era escola nos anos 70, e através de imagens do prédio, na biblioteca, criaram uma sala de aula que se ambienta em 1977. Buscaram também suporte para criação de seus roteiros que deveriam ter forma inédita. Aumentou-se a autoestima dos educandos e surgiram talentos em várias áreas de um curta metragem, como a criação de músicas inéditas para os seus curtas, pois a regra era não utilizar nada de direito autoral. Durante todo projeto que iniciou em março, tínhamos reuniões semanais no período de arte para ver o andamento dos trabalhos, também acompanhei o processo das filmagens e edições dos curtas pelos alunos.

Todos gostaram de fazer e já estão projetando os curtas do ano que vem.

[1] E mail: mobral1@uol.com.br

DO CORPO DE JURADOS À CONDUÇÃO DE OFICINAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL AO LONGO DE TRÊS ANOS DE EXPERIÊNCIA COM O CINEST

Camila dos Santos[1]

Este texto é um breve relato pessoal da autora, a partir de sua experiência ao longo de três anos de participação no CINEST, o Festival Internacional de Cinema Estudantil, que acontece anualmente no município de Santa Maria, RS. Evento no qual, além de jurada no ano de 2014, foi oficineira de Roteiro Cinematográfico em 2015 – ano em que o festival foi internacionalizado – e 2016. Ou seja, foram três anos de atividades intensas em torno das realiza-ções de vídeo estudantil vindas não somente de todo o território brasileiro, mas também do Exterior. Com obras desde o Ensino Fundamental, Médio até o Ensino Universitário, distribuídas em categorias competitivas tais como melhor filme, direção, roteiro, direção de fotografia, atuação, figurino e ma-quiagem, documentário e ficção.

Para começo de conversa, a abordagem do cinema e das possibilidades de realização audiovisual dentro das escolas não é um acontecimento recente. Embora ainda não seja uma realidade completamente disponível e democratizada para todas as escolas do Brasil, existe até o respaldo da Lei Nº 13.006, de 26 de Junho de 2014, que introduz a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas de Ensino Básico do país por, no mínimo, duas horas mensais. Dessa forma, existe uma preocupação não somente em estimular o desenvolvimento de criações audiovisuais, mas também a formação de um público consumidor da cultura cinematográfica e de arte a partir da escola. Através de uma educação que pode ser atravessada, por que não, pelos afetos e pela potência transformadora da arte na vida de seus edu-candos, educandas e educadores. Ao fazer uma reflexão sobre os três últimos anos de CINEST, desde 2014, é bastante possível perceber uma sensível transformação tanto nas obras que participaram do festival de lá para cá, quanto da crescente pró-atividade dos alunos, das alunas e de professores participantes dos debates e das oficinas de formação cinematográfica do evento. Ou seja, existe um trabalho que está em ritmo de desenvolvimento, tanto das escolas quanto das pessoas que integram suas comunidades. Quiçá a limitação de recursos em muitos lugares seja recorrente, especialmente nas escolas públicas, alternativas são fomen-tadas. E o conhecimento do cinema, sua linguagem e seu caráter pedagógico superam essas carências. Entre 2014 e 2016, por exemplo, a autora pode afirmar o quanto houve uma considerável sofisticação na estrutura dos roteiros dos curtas metragens apresentados. Sofisticação não em termos de rebuscamento, mas sim a partir da ideia mais basal de estabelecer uma narrativa que tenha compromisso com uma diegese, com um universo próprio construído, que obedeça às suas próprias regras e funcione coerentemente com o que se propõe. Apesar de muitos dos filmes, especialmente os do Ensino Fundamental e Médio, abordarem adaptações de clássicos da literatura brasileira. Porém, também existe muito espaço para roteiros originais, boa parte deles ligada ao universo do terror e do horror, temas bastante presentes em filmes realizados por crianças e adolescentes.

Por outro lado, retomando 2014, muitos dos filmes que competiram no CINEST daquele ano apresentaram consideráveis dificuldades para a captação e o

tratamento do áudio, problema que ainda persistiu nas edições de 2015 e 2016. Assim como poucos competidores compuseram trilha sonora original. Possivelmente pensando nisso, o festival ofertou, nos dois últimos anos, ofi-cinas de trilha sonora. E, irônica e infelizmente, excluiu a categoria de trilha sonora original das mostras competitivas, talvez pelo fato de haver poucos exemplares disponíveis entre os curtas exibidos. Contudo, analisando o problema, mesmo que de forma breve e superficial, e levando-se em consideração os meios disponíveis para a realização audiovisual em muitas das escolas participantes, não se pode desprezar que, pouco a pouco, o áudio também vai recebendo sua devida atenção necessária para a composição de uma obra cinematográfica. E, entre erros e acertos, a noção da realização de um filme vai se edificando, da dramaturgia, à produção, ao planejamento dos planos, à iluminação, à atuação e, claro, ao áudio. Porém, ainda existe um caminho a ser trilhado.

E, assim, a história do CINEST tem demonstrado que a linguagem fílmica, a noção da constituição de um filme, com seus planos, seus movimentos de câmera, os princípios de iluminação e a edição e a montagem não são completos desconhecidos dos alunos e alunas. Afinal, trata-se de uma geração que, sobretudo, nasceu e cresceu dentro de um universo audiovisual e, ainda, cibernético. O diferencial, por sua vez, é dotar a comunidade escolar da capa-cidade de tomar consciência do audiovisual e seus códigos e, a partir de sua realidade de vida, suas questões, suas necessidades, dominar os códigos da linguagem fílmica a seu favor e construir discursos poéticos de mundo.

Deve-se ater, também, que um diferencial dos jovens de hoje em comparação às gerações anteriores, é a familiaridade com a linguagem de plataformas digitais, como canais do Youtube, entre outros. Ou seja, a juventude brasileira que encontra no cinema dentro da escola um espaço de construção artística e educacional, também interfere na identidade do audiovisual, com seus regis-tros diários a partir de aparelhos de celular, de suas narrativas cotidianas e das redes sociais. E tal fato já pode ser percebido nos filmes que têm integrado as mostras competitivas do CINEST, o que é bastante curioso. Pois existe no festival tanto o espaço para experimentações audiovisuais mais antenadas com as novas tecnologias, seus suportes e suas linguagens, quanto para as realizações mais principiantes, em que o domínio do cinema, seus meios e suas narrativas ainda estão sendo descobertos. Mas o caráter pedagógico no processo de criação não pode ser desprezado e tem suas potências.

Aliás, o CINEST tem problematizado a própria natureza sonora e visual he-gemônica do cinema, com debates que envolvem a importância e o direito à audiodescrição e à legendagem nos filmes que chegam às salas comerciais de exibição de filmes. Por isso, a realização do Seminário Educação, Cinema e Acessibilidade, que teve sua segunda edição em 2016, antecedendo e abrindo as atividades do CINEST. Até mesmo alguns dos curtas participantes do festi-val foram audiodescritos e legendados, uma preocupação sobre a inclusão dentro da escola e do cinema. Juntamente com o seminário acima citado, também foram realizadas oficinas cinematográficas, que passaram a ser ofertadas a partir do CINEST 2015, o que demonstra tanto a necessidade quanto a procura pela formação audiovisual. Oficinas as quais, a cada dia, vão se diversificando e dialogando entre si. Um dos projetos para 2017, inclusive, é que as oficinas sejam interligadas e gerem um curta metragem dos ofici-nandos e oficinandas dentro do evento.

Em linhas gerais, a própria história do CINEST, ao longo desses anos de existência – tanto nas mudanças de sua estrutura, com sua internacionalização, seu diálogo com a acessibilidade e até mesmo com a Neurociência, além da oferta

de oficinas, tudo de forma inteiramente gratuita e aberta para o público – integra toda uma história de luta pela arte e pela educação. Luta não somente pela inclusão do audiovisual dentro do ambiente escolar, mas também pela arte que subverte o mero caráter de entretenimento. E a importância do fazer artístico para a construção de sujeitos críticos, empoderados de vontade própria, com brilho nos olhos e fogo no coração, questionadores e transformadores de sua sociedade. E o CINEST não é mais um dos poucos festivais de cinema estudantil do Rio Grande do Sul. Muitos outros surgiram recentemente e, quem sabe, surgirão mais adiante. O Brasil, apesar da crescente desvalorização das condições de trabalho dos professores e das professoras, tal como da própria existência da escola pública, clama por outras alternativas de escola. Quem sabe uma escola com mais cinema e arte como motes norteadores possa vir a ser uma dessas novas e libertadoras alternativas?

[1]Camila dos Santos, pseudônimo Camila Vermelho, é graduada em História - Bacharelado e Licenciatura Plena - pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, onde atual-mente é acadêmica de Bacharelado em Artes Cênicas - habilitação em Direção Teatral. Também é formada em Roteiro Cinematográfico pelo Instituto Brasileiro de Audiovisual - Escola de Cinema Darcy Ribeiro (IBAV-ECDR), Rio de Janeiro, RJ. É produtora e apresenta-dora do programa Baleiro das Artes, na radioarmazem.net, e trabalha na TV Campus UFSM. Contato: mitanoula@yahoo.com.br

O FESTIVAL SÃO LÉO EM CINE É AMPARADO POR LEI MUNICIPAL

Eliane Candido

Especialista em Mídias na Educação – UFPel | Idealizadora e Ex-Coordenadora do Festival | Coordenadora do CBPVE

O São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil foi desenvolvido para subsidiar a educação audiovisual nas escolas municipais de São Leopoldo, em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Secretaria Municipal de Educação (SMED) e com o apoio do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping da cidade.

No contexto nacional, poderíamos dizer que se tratou de uma iniciativa de inserir as mídias na educação. Em termos culturais e sociológicos essa inserção é muito mais ampla, pois versa uma necessidade contemporânea. No quesito educacional, trata-se de novas formas de aprender e ensinar, da relação comunicacional e interativa entre professores e alunos, da possibilidade de conhecerem outras linguagens implícitas neste meio de comunicação que, certamente, irá contribuir na criatividade e formação crítica do sujeito.

Para o sucesso do festival unimos a experiência da UFPel com a expectativa de mudança no cenário educacional da nossa cidade para levar a produção audiovisual aos alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Da mesma forma, buscamos o apoio do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping de São Leopoldo para a exibição dos curtas estudantis proporcionando um momento de entretenimento, valorização e apreciação das suas produções.

Trabalhar com o audiovisual possibilita entretenimento, reflexão das temáticas, releitura de situações vivenciadas no cotidiano e de construção coletiva que fomentam diversas aprendizagens entre educandos e educadores. Além disso, a arte de fazer cinema na escola promove a superação, o resgate da identidade, sentimentos, autoestima e motivação ao atuarem como protagonistas de sua história.

Segundo Pereira (2008), perpassa pelos temas transversais, pelas vivências dos alunos, por diferentes formas de linguagens, permite um currículo mais abrangente, construtivo e flexível que dá vez e voz a educandos e educadores numa aprendizagem mais significativa e prazerosa.

As ações do São Léo em Cine ocorrem durante o ano letivo. São elas: formação presencial e/ou a distância para professores e alunos, site do festival com vários materiais e videoaulas; produção do vídeo estudantil (curta-metragem); exibição dos curtas no cinema para a comunidade escolar e familiares dos alunos participantes; Júri Popular (votação online) e Júri Técnico para a avaliação das categorias pertinentes; Noite de Premiação no estilo "Oscar" para receberem o "Troféu Imigrante" e certificação

correspondente.

O festival nasceu em 2015 e em apenas dois anos de existência tivemos grande repercussão na cidade de São Leopoldo, no cenário educacional e em outras localidades. Dobrou e triplicou o número de escolas, professores e alunos participantes, bem como a produção e inscrição de vídeos. Das 50 escolas municipais, no primeiro festival em 2015 tivemos: 14 escolas participantes, 28 professores, 1200 alunos e 31 curtas-metragens produzidos nos anos de 2013, 2014 e 2015; no segundo festival abrangemos 26 escolas, 64 professores, quase 4000 alunos e 62 curtas produzidos no ano de 2016.

Acreditando na relevância desse trabalho pedagógico e para garantir a continuidade do mesmo na educação leopoldense, independente da política-partidária que se estabeleça no município, o vereador Arthur Schmidt propôs um Projeto de Lei (PL) que visa incluir o festival "São Léo em Cine" no calendário de eventos municipais de São Leopoldo.

Antes de ser vereador, Arthur Schmidt exerceu o cargo de Secretário Municipal de Educação e Secretário Interino da Cultura e Turismo entre 2013 e 2016. Foi para o Secretário de Educação Arthur Schmidt que apresentei a proposta de realizarmos um festival de vídeo estudantil na nossa rede municipal em parceria com a UFPel. Ele ficou maravilhado com a ideia e me convidou para trabalhar na SMED e coordenar o festival.

Voltamos então para os trâmites legais de aprovação do Projeto de Lei sugerido pelo vereador supracitado. Depois do projeto ser discutido e organizado com a sociedade civil ele foi protocolado na Câmara de Vereadores. Posteriormente ele foi encaminhado para avaliação de duas comissões: Comissão de Constituição e Justiça e Comissão de Educação e Cultura. Ambas analisaram e emitiram pareceres favoráveis ao festival.

Posteriormente a essas avaliações o Projeto de Lei foi para a fila de projetos que aguardavam entrar para votação na Câmara de Vereadores.

Durante este período, entre o protocolo (fevereiro) até a sessão de votação (março) do Projeto de Lei, o mesmo fica disponível no site da Câmara para apreciação dos demais vereadores e sociedade civil. É de suma importância os diálogos entre o vereador proponente e demais colegas do legislativo para esclarecimentos e trocas de ideias.

Esse Projeto de Lei, por não ter caráter emergencial, precisou ser votado em duas sessões ordinárias. O Projeto de Lei foi aprovado por unanimidade pelos vereadores de São Leopoldo nas duas sessões ordinárias que ocorreram nos dias 02 e 09 de março de 2017. Após a votação os vereadores puderam fazer uso da palavra para justificarem seu voto. Todos que se pronunciaram falaram muito bem do festival, parabenizaram o proponente Arthur Schmidt pelo apoio ao projeto e iniciativa da Lei e, a mim, como idealizadora e coordenadora do São Léo em Cine.

Nas duas sessões ordinárias de votação do Projeto de Lei na Câmara de Vereadores eu me fiz presente para acompanhar os trâmites, juntamente com uma representação de professores, alunos e familiares. Da mesma

forma era importante minha presença para prestar esclarecimentos sobre o funcionamento do festival aos demais vereadores e comunidade, caso fosse solicitada.

Não houve necessidade de esclarecer o projeto de festival de vídeo, porque todas as ações desenvolvidas nestes dois anos falaram por si só. O São Léo em Cine teve grande repercussão nas mídias locais, desde as formações para professores e alunos, as produções audiovisuais e suas temáticas, a exibição dos vídeos estudantis no cinema, a noite de entrega do Troféu Imigrante, bem como a participação e premiação em outros festivais no Rio Grande do Sul (Alvorada, Guaíba, Novo Hamburgo, Santa Maria, Pelotas e Gramado). Além disso, a noite de premiação movimentou a cidade e foi alvo de notícias e manchetes em rádio, revista e jornal da região.

Outras ocasiões marcantes também ganharam prestígio e visibilidade midiáticas. Da mesma forma, ganhamos conhecimento, experiência, compartilhamos ideias e tivemos momentos de interação com estudantes e professores de outras cidades. Participamos do I Seminário de Acessibilidade – Fundação Liberato, Curta Inclusão e Diversidade em Novo Hamburgo, Cine Fórum em Parobé, I Seminário Cinema na Escola em Gramado, 44º Festival de Cinema de Gramado (programação de curtas estudantis – dois filmes nossos foram selecionados e exibidos lá) e 1º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil em Pelotas com apresentação de artigos, relatos de experiências e vídeos estudantis.

Até o presente momento aguardamos o atual prefeito sancionar e promulgar a LEI que inclui o festival no Calendário de Eventos do Município, criado pela Lei Nº 5358/2003. Será denominado de Programa Educacional São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil, uma promoção da Secretaria Municipal de Educação, a realizar-se anualmente, no mês de outubro.

Esta Lei justifica-se pela necessidade, em especial, dos alunos, professores e comunidade escolar em terem o festival formalizado, desta forma garantindo a continuidade de um trabalho pedagógico envolvente e prazeroso que dê conta do emprego criativo das tecnologias e mídias sociais, contribuindo para que o educando tenha um recurso a mais na construção da sua identidade e possa perceber-se como sujeito de seu fazer.

Para finalizar, destacamos que o Programa Educacional salienta que o Cinema, conhecido como a Sétima Arte, dispõe de um excelente recurso no qual o indivíduo pode expressar suas ideias e sensações, como forma de comunicação que o conecta com outras pessoas e com o mundo ao seu redor.

REVISTA ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

RECREIO

Entrevistas e relatos de experiência com alunos, o que ele pensa e o que está fazendo

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL QUANDO O ALUNO TEM VOZ

Sérgio Renato Furtado Flores

EMEF Germano Hübner

Foi muito interessante projetar a participação de nosso educandário nos projetos de vídeo. Inicialmente a motivação era enorme, mas a expectativa em fazer trabalhos bem feitos para que servissem aos alunos e ao público tornavam-se horas de preparação meticulosas, para que pudéssemos bem representar a Escola e o tema proposto. Estes dois anos de projeto trouxeram amadurecimento das propostas, e como alguns alunos citam:

- "Professor, não interessa ganhar né, o bom é a gente ver que o nosso trabalho foi bem feito".

Porque esta é a justa aprendizagem a que me proponho quando iniciamos as filmagens: tentar fazer o melhor! Se ficou bom que venham prêmios ou não, mas o mais importante é que o trabalho seja olhado, visto e entendido. E nada melhor do que ver na carinha desses alunos atores o olhar de felicidade e orgulho quando eles assistem pela primeira vez a obra pronta, ou quando terminam de gravar uma cena em que eles lutam tanto para fazer bem feito, que acabam percebendo quando isso acontece. Sinceramente, essa hora me arrepia. Como sou oriundo da Educação Física, essa hora se compara à conquista de uma boa defesa, um gol ou um ponto, e quando terminamos a obra, isso equivale a um título conquistado.

E olha que de simples a tarefa não tem nada. Gosto de ser meticuloso na preparação, cuidar detalhes, organizar tudo para que nada seja criticado mais tarde, qualquer divergência é apontada, estudada e sanada para não deixar espaço para que falem: aquilo não era assim, poderia ter ficado melhor, isto está errado. Sou professor que resido na sede do município de São Lourenço do Sul, mas estou nesta escola desde 2002, portanto 15 anos valorizando e entendendo sua comunidade, e sei de todas as características que a mesma apresenta, a vida árdua de meus alunos e suas famílias fora do período de aulas, o sacrifício que muitos fazem para estar dentro da escola, as caracte-rísticas enquanto povo pomerano, e suas alegrias. Tudo é pesado na hora de propor as atividades de gravação, e tudo é comprometido com esta comunidade. Esta escola a qual pertenço, é do interior do município de São Lourenço do Sul, metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, região da Laguna dos Pa-tos. Os alunos, segundo nossas projeções, são em mais de 95% de descendência pomerana e isso motivou o primeiro vídeo: "Terras Novas" – a saga de um povo que se retirou da Pomerânia no norte da Europa e veio ao Brasil em busca de terras novas; que nos orgulhou com premiações de Melhor direção e Melhor direção de arte no Festival de São Lourenço do Sul em 2015 e Melhor Filme segundo o voto popular em 2016 no CBPVE (Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil). E já que a atividade sustentável principal de 100% de nossa clientela é a agricultura, e por saber de todos os conflitos que essas atividades trazem, propusemos o segundo tema em 2016: "E o mundo onde está?" – que propunha um exame de nossas ações enquanto humanos ao planeta dos animais e das plantas que Deus nos deu, a poluição, o desmatamento e maus tratos aos animais; que nos deu a premiação de Melhor Vídeo na votação popular no Festival 2016 de São Lourenço do Sul e o prêmio de Melhor temática ambiental no Festival de Alvorada.

Por si só, esses já seriam motivos de muito orgulho para todos, mas sem sombra

de dúvida, qualquer que seja a premiação alcançada, o melhor foi ver nossos vídeos mostrando o que nossa comunidade tem e o que consegue fazer.

Montar Terras Novas foi exercício árduo de pesquisas históricas para verificar em datas os relatos contados pelos parentes dos alunos, pesquisas com indumentárias, objetos utilizados, e várias reuniões para ir compondo a produção, intercalando a ficção de uma família que estaria se deslocando de lá para cá. Gravar foi o exercício mais interessante, o que mais aproximou o que estava escrito do que queríamos mostrar, os cenários, as marcações de espaços e o estudo anterior de cada locação, a preparação dos deslocamentos para os locais das locações, a verificação do tempo bom ou ruim para gravarmos, tudo foi sendo planejado e executado contando com todos, e ao final acho que os 33 membros do vídeo eram tudo ao mesmo tempo, tal o envolvimento que acometia a todos. As horas boas ficavam por conta de lanches característicos nos locais das gravações, uma gravação em uma escuna em pleno dia de chuva – fato marcante para quase todos que acompanharam nossa aventura de gravar.

Com a experiência do Terras Novas, pensar e executar o vídeo de 2016 "E o mundo onde está" foi uma ação mais pretenciosa, dar mais vida aos personagens, estabelecer mais diálogos a eles, buscar tocar em um tema atual e que trouxesse reflexão à comunidade escolar. Assim, este vídeo foi feito na forma de proposta de diálogos, em que os atores teriam a liberdade de expressar-se livremente segundo um objetivo traçado – um roteiro dando dicas: onde chegar e o que abordar. Muitos ensaios, erros, consertos, conversas, seções e mais seções fechadas em sala de aula até que os diálogos ficassem firmes. As gravações aconteceram sem percalços maiores, quase que sem erros, as locações eram simples, com fácil acesso, próximas da escola, e foram feitas no mesmo dia. A inovação para este vídeo foi o exercício de criatividade máxima dado aos alunos, já que o texto a ser falado mostrava apenas o rumo, os pontos principais onde deveriam chegar as conversas das cenas.

Como incentivador do projeto de vídeos dentro da escola, considero que os objetivos que cada filme se propôs foi extremamente atingido, com efeito direto na aprendizagem dos educandos, mais ainda, envolvendo um número expressivo de interessados nas produções, e o que chama atenção, é que a participação não era apenas para atuação direta, encenando, mas participar, auxiliar na produção, organizar, e esse foi um ponto considerado de extrema valia: o grau de conhecimento atingido por todos os envolvidos, a experiência proporcionada que gerou um retorno mais que satisfatório a estes educandos, e a satisfação enquanto professor, de ver que cada vez mais alunos buscam participar deste tipo de atividade.

A salientar, temos a ação da direção da escola que respalda as produções, da comunidade que não mede esforços para proporcionar o que precisamos para realizar os vídeos. Quanto à nossa escola, a UFPel e o projeto de vídeos serão sempre bem-vindos, e saibam que até mesmo o programa "Novo Mais Educação" da escola foi projetado para enquadrar a oficina "Cineclube" que vai tratar da produção de vídeos e cinema; em ação complementar, a disciplina de Língua Portuguesa do 9º ano tratará de uma programação exclusiva com um projeto "Crônicas para encenar", portanto, um impulso a mais para prosseguirmos com as atividades de produção de vídeo.

Acreditamos que a iniciativa produz resultados positivos: traz inovação para uma escola mais ativa, onde não se perde tanto a atenção do aluno para outros meios; provoca e valoriza a criatividade; e introduz perspectivas diferentes de mundo e comunicação ao educando.

RELATO: VIVIAN RAFAELA HOLZ – ALUNA DO 8º ANO DO FUNDAMEN-TAL

Foi muito interessante participar dos projetos de vídeo. Mesmo que totalmente diferentes nos assuntos, trouxeram muita coisa boa para nós, alunos desta es-

cola, que é do interior de um município, sendo do interior do estado do RS.

Participar do "Terras Novas", teve as horas de tensão, para saber como fazer, o que fazer e como ficaria, as preocupações em não errar, como começar a fazer, as vestimentas - figurino para cada um, os locais, que foram variados, tais como a escola, os vizinhos da escola, a casa de um colega da escola, e a escuna em pleno Arroio São Lourenço; e teve a hora da diversão, pois íamos a pé para as gravações próximas ou em ônibus para as mais distantes, as ba-gunças no trajeto, as palhaçadas do professor para descontrair, e enquanto isso, sabíamos que o making of tratava de registrar tudo, os lanches, os ensaios, e tudo ia nos deixando mais curiosos ainda para ver o final, o vídeo completo. E foram-se horas gravando a história dos pomeranos – meu povo - da Europa até chegarem em nossas terras. Até mesmo valorizar o que aprendemos e passamos, pois mesmo não chegando aos primeiros lugares nos concursos o que ficou de melhor foi ter feito parte do filme.

O segundo vídeo em 2016, "E o mundo onde está", foi interessante porque nos fez entender onde estamos no mundo, o que fazemos com ele, e o que vai acontecer no futuro. Estas filmagens nos deixaram a mensagem sobre o homem e o meio ambiente, o desmatamento e a poluição do planeta, os maus tratos aos animais.

Achei interessante e válido ter participado. Aprender a falar em uma cena, a errar e consertar, entender o que fazer numa gravação. Os ensaios serviam para escutar as ideias do professor, colocarmos as nossas ideias e as propostas de falas, e embora as gravações durassem pouco, e quase sem erros, os ensaios sim, esses foram numerosos e com muitos erros até que entendêssemos e fizéssemos da melhor forma para que tudo desse certo.

Finalizando, queria deixar registrado que foi um excelente aprendizado, que aprender a trabalhar em conjunto é muito bom e só tenho a agradecer ao Professor Sérgio Flores – nosso mentor – que sempre se dispõe a trabalhar com os vídeos e é muito querido conosco, aos professores do Projeto da UFPel e à nossa Direção da escola que nos proporciona essas atividades.

RELATO: SANDIÉLI REHBEIN HOLZ ALUNA DO 9º ANO DO FUNDAMEN-TAL

Durante a produção de vídeo para mostrar nosso trabalho que concorreria ao Festival de Vídeo em nosso município, tivemos vários alunos envolvidos, em todas as tarefas que a produção exigia, não só atuando, e todos gostaram muito de fazer o vídeo, porque foi uma grande experiência poder ter realizado algo desse tipo e na nossa escola.

Todos tiveram muita força de vontade e a curiosidade para conhecer um pouco o mundo dos vídeos, as gravações, as cenas, os ensaios, o tratamento com o som, o mundo dos atores e o que mais é a demanda de uma produção de imagens e vídeos. E na verdade, aprecemos em várias ações, não só como atores, mas ajudando a recolher figurinos característicos, escolher, experimentar, ajustar, ver as cenas que iriam ser feitas, marcar os espaços, ver tempo para cada coisa, ajudar a gravar e a ensaiar movimentos, tudo era novidade, mas tudo foi super gratificante de fazer.

O primeiro vídeo realizado pela escola em 2015 foi o "Terras Novas", que falava da nossa cultura – pomerana – com parte histórica da vinda de nossos antepassados para esta cidade, e uma pequena ficção para ilustrar esse momento. Já o vídeo "E o mundo onde está" de 2016, tratava do meio ambiente, a evolução do ser humano e a forma irresponsável como tratamos o meio ambiente, e também não deixava de ser um tema da nossa volta, pois todos nós lidamos sempre com o meio ambiente.

Os ensaios tratavam de entrelaçar e criar as falas, que eram de improviso, mas seguindo um roteiro pré-determinado que dizia o que teríamos que expressar. Alguns tiveram facilidades sempre, em interpretar e se preparar, outros apresentavam dificuldades, mas tudo era contornado, com conversa, sugestões de todos, e organização para

finalizar da melhor forma possível.

Particularmente, para mim a experiência foi marcante, e participar desses vídeos foi uma experiência incrível, e aprendi muito com eles, tanto no de 2015 quando participei como atriz e produção, como no de 2016, quando era da produção. E as expectativas são enormes para o 2017.

Sobre o longa metragem que a Universidade vai rodar fica uma perspectiva maior ainda, porque sei que não é tarefa fácil, até porque não foi qualquer um a ser convidado, não foi um processo de adesão aberta como os vídeos da escola, neste houve um convite, uma escolha, e ser produtora local será encarado da melhor forma possível, com a responsabilidade que eu tiver que ter. Até aí não havia passado pela minha cabeça ser produtora, porque na escola, as tarefas de organização maior eram sempre do professor Sérgio Flores, nosso incentivador do projeto; e sei que essa função agora vai exigir bastante. Esperanças e expectativas são muitas, e a vontade de realizar um bom traba-lho é bem grande, e espero conseguir organizar e realizar da melhor forma possível, de acordo com a confiança que está sendo depositada.

Finalizando, falar em gostar dessa forma de produção de vídeos é muito pouco, porque as nossas produções estão inclusive mostrando quem sabe uma futura profissão, já que traz tantas coisas boas no que atualmente estamos produzindo. Só tenho agradecimentos aos que acreditaram em mim e confiaram as tarefas das filmagens, aos colegas que incentivaram e incentivam, aqueles que colaboram e muitas vezes nem gostam de aparecer, ao professor Sérgio Flores que sempre batalha para que sigamos produzindo, e ao Projeto da UFPel e seus organizadores, pois sem eles nada seria concretizado.

RELATO: MAIARA THUROW
ALUNA DO 8º ANO DO FUNDAMENTAL

As produções dos vídeos foram um máximo. Digo isso porque nos ensinaram brincando, e foi super bom fazer parte das mesmas. A proposta era para des-contrair, não deixar a gente que iria gravar, mais nervosas que o normal na frente de uma câmera, e foi uma grande experiência fazer parte desses dois eventos. Minhas participações mesmo que com vergonha de aparecer, serviram para que eu aprendesse muito mais, e aos poucos eu fui deixando a vergonha de lado, aprendi a encenar, a ser gravada/filmada, aprendi a improvi-sar sem receio, isso sem contar que os dois filmes deixaram conteúdo que não é contado desse jeito na escola.

O "Terras Novas" foi filmado na escola, na casa de um colega, e em uma escuna na cidade, e mudou minha ideia inicial que era a de nem participar dos vídeos, mas aos poucos os colegas e o professor fizeram que eu mudasse de ideia. Claro que por ser o primeiro vídeo, a primeira encenação para a câmera foi difícil de fazer, e toda vez que eu iria aparecer dava aquele friozinho na barriga, e isso não era só em mim, mas em todos na filmagem. O vídeo fala sobre a nossa cultura, e sobre o jeito que nossos antepassados deixaram a Europa e vieram para o Brasil, e além de aprender, ficamos orgulhosos com os elogios recebidos de muitos lugares e com os prêmios que ganhamos com ele.

O segundo vídeo "E o mundo onde está", que tem assunto diferente, já foi mais descontraído, e abordar sobre a natureza, o planeta, o homem e os animais foi bem mais proveitoso e bem direcionado para nós e nossa realidade de hoje em dia. E faz pensar sobre o mau que fazemos ao meio ambiente em muitos momentos. Não sei sobre os outros, mas sei que com esse vídeo, levarei várias coisas aprendidas para a minha vida inteira.

Eu gostaria muito de seguir fazendo filmes, quero contribuir mais ainda e quem sabe no futuro ser uma atriz. Queria que tivéssemos mais oportunidades assim, e estamos na esperança que venham mais. Quero agradecer ao Projeto da UFPel e seus organizadores, ao Professor Sérgio Flores que é um incentivador e mentor dessas nossas "aulas divertidas", e à Direção da escola que nos faz esses convites e deixa que participemos.

RELATO: LUÍANA HÜBNER PEGLOW ALUNA DO 8º ANO DO FUNDA-MENTAL

As produções dos vídeos marcaram bastante a nossa história e a da escola, e eu me senti bem valorizada e importante por ter feito parte dessas filmagens. Fazer parte do "Terras Novas" foi uma experiência muito boa, ser atriz, melhor ainda, e sei que para todos os meus colegas que atuaram e participaram também foi.

Inicialmente deu até um pouquinho de medo, pensava que se errasse acabaria estragando ou atrapalhando a parte dos outros, mas depois não só eu, mas todos vimos que era quase uma diversão passar pelos ensaios e pelas gravações, e um acalmava o outro, além da descontração com piadas, erros, e até trapalhadas do professor. O primeiro vídeo em 2015 foi o "Terras Novas", tratava da saída dos pomeranos lá da Europa, em histórias que nossos parentes sempre contam, e a chegada em nossa cidade, os momentos de dificuldade, o problema que foi abandonar suas famílias, terras e amigos na Pomerânia. Durante essas gravações, nós também descobríamos coisas novas, que não tínhamos conhecimento ainda, pois são muitas as histórias, e foi bem trabalhoso montar algumas para compor o filme.

No vídeo "E o mundo onde está", este mais recente, de 2016, as preocupações foram menores, embora eu tivesse aparecido um pouco mais, e já não havia tanto nervosismo, embora o assunto fosse totalmente diferente do primeiro, pois este tratava sobre o meio ambiente e o homem, e de como o planeta está por causa do homem, das coisas que Deus nos deu e nós deixamos de cuidar, da água, das florestas, dos animais, poluição, desmatamento, agressões à natureza. O aprendizado foi maravilhoso, e nos faz ver a toda hora que as pessoas nem se dão conta que estão maltratando o planeta em que vivemos, e isso é muito errado.

Os ensaios para os dois foram sempre bem divertidos, aprendemos uns com os outros, corrigimos, mudamos as propostas do professor e da produção, trocamos muitas ideias até deixar do jeito que queríamos. E as gravações eram legais, os locais, o que fazíamos, onde cada um ajudava como dava, enfim, aprendemos em todas as funções.

Finalizando, queria que não fosse o final, pois gostei e sei que gostamos tanto de fazer as filmagens, que estamos na esperança que venham mais. Eu só tenho a agradecer ao Projeto da UFPel e seus organizadores, à Direção da escola que nos faz esses convites e deixa que participemos e ao Professor Sérgio Flores que é um incentivador e mentor dessas nossas "aulas mais que divertidas".

DESENVOLVENDO VÍDEOS ESTUDANTIS NA ESCOLA RURAL

Josiane de Moraes Brignol

Mestranda em Educação Matemática/UFPel

No ano de 2016 a Secretaria de educação da cidade de Capão do Leão em parceria com o curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas lançou o I Festival de vídeo estudantil do município. A divul-gação do evento seguiu para as escolas, inclusive para as rurais, como é o caso da E.M.E.F Profº Delfina Bordalo de Pinho, na qual faço parte do corpo docente e atuo como professora de matemática. A proposta do trabalho foi lançada pela coordenadora da escola e logo causou uma mistura de estranheza e curiosidade aos professores e também pelos alunos que se mostraram atraídos pelos seguintes cartazes.

FONTE: AUTORA

Os professores mesmo considerando a ideia superpositiva e condizente com os interesses dos estudantes acharam por bem não participarem naquele momento. Diante da posição dos colegas confesso que inicialmente achei que esse projeto poderia se perder no meio do caminho e não dar certo, já que eu mesma não tinha nenhuma experiência com produção de vídeo estudantil, por ser de uma área diferente da minha e ainda por saber das condições tecnológicas precárias da escola, se tratando de computadores e internet.

Diante da curiosidade a qual os alunos liam o cartaz comecei a pensar que valeria a pena tentar. Sabia do interesse da maioria, em ir ao cinema, assistir filmes, e também as "escapadinhas" para estarem sempre ligados nas redes sociais e acompanhando vários Youtubers famosos, alguns até com a experiência de ter seu próprio canal ou de fazer vídeos com seus celulares.

Conversei com as turmas depois de acertar com a direção realizar o projeto no turno que usava para aula de reforço, nas segundas a tarde. Os educandos foram convidados a participarem do 6º ao 9º anos. Organizamos os participantes, autorizações dos pais e em se-guida oficinas sobre como produzir vídeos.

Grandes surpresas surgiram como comportamento diferenciado, maduro nos encontros do projeto, comprometimento, união, parceria até mesmo de alunos não tão próximos. Trabalhamos durante aproximadamente seis meses para que enfim tivéssemos como produto final três vídeos de ficção intitulados como: Sentimentos de me-nina, O fantasma mal-encarado e em busca de uma amizade. Nesse período ocorreu um misto de diversão, alegria, aprendizado, respon-sabilidade esforço e muito entrega. A seguir algumas imagens que aconteceram durante as gravações dos curtas.

Para que a essência da opinião dos alunos fosse resaltada foram feitos alguns questionamentos sobre a produção de vídeo realizada e assim os alunos deram o depoimento de sua experiência. Quatro alunos dos onze que finalizaram o projeto de 2016 foram abordados. Algumas falas confirmaram a minha percepção durante a realização dos curtas e me deixaram muito feliz por de alguma forma ter participado de momentos tão especiais na vida de meus alunos. A seguir algumas evidências positivas do trabalho através das falas.

"Eu posso dizer que a produção de vídeo na escola foi muito boa, eu acho que foi uma experiência que nós nunca tínhamos vivido, que foi ótimo e que tinha que continuar na escola para incentivar os alunos a seguirem trabalhando com o cinema... Durante os vídeos a convivência melhorou, todo mundo começou a se unir mais e ter mais autoestima, pois as vezes tinham alguns que estavam tristes, eu acho que os vídeos conseguiram melhorar o astral de todos nós que participamos...A parte mais legal foi quando nos uníamos para fazer o vídeo, quando tínhamos que gravar e repetir tudo de novo, por causa dos erros, atrapalhações e risadas isso foi muito legal, conseguimos nos divertir bas-tante trabalhando." (Larissa Moraes de Oliveira, 14 anos).

"A produção de vídeo foi muito boa, eu adorei...Se precisasse fazer de novo eu faria. O resultado final foi excelente...ter o trabalho pronto e ver ele lá no telão foi incrível, foi uma sensação de dever cumprido. Com os vídeos melhoramos a convivência, a união. Tinha gente que não se falava e agora esta bem próximo .... Até ganhamos uma viagem para Gramado. " (Laura Machado Dalarosa, 14 anos).

"Para mim foi uma atuação muito boa, uma experiência única... eu representei uma menina que sofria bullying na escola, ali eu vi o quanto é cruel... essa foi minha primeira experiência com vídeo e espero atuar em outros papeis... com a função dos vídeos a gente se uniu bastante para ajudarmos uns aos outros e acho que todos nós conhecemos um lado de cada pessoa que dentro da sala a gente não via... Eu su-per recomendaria que o projeto continuasse, a gente aprende muito... Influência nas nossas vidas e abre portas para novas aprendizagens... Posso dizer que foi muito melhor do que eu imaginei, desde o inicio agarrei essa proposta, já imaginando que seria incrível e foi, uma das melhores coisas que eu pude prestigiar e que deu um ótimo resultado... É uma alegria imensa, é tão bom dar o seu melhor e no final ver o quanto valeu a pena...através dos vídeos a gente aprende de tudo um pouco....O que mais me marcou foi quando todo mundo se reuniu na biblioteca para ver os vídeos prontos e me passou um filme na cabeça de que passou, resumindo tudo que fizemos valeu a pena. " (Camila Barboza, 15 anos).

"Bem eu nunca tinha tido uma experiência com vídeos, porque nunca tinha tido uma oportunidade, aprendi coisas no-vas...Todos os momentos que passamos juntos foi tudo de bom, foi ótimo, a professora nos ajudou muito...Conforme fomos fazendo os vídeos, fomos imaginando e não existi-ram piores ou melhores momentos porque todos foram maravilhosos, eu acho que pra galera os melhores momentos foram quando a gente começou a ganhar os prêmios, não importava em qual lugar estávamos, o importante era que a gente tava ali correndo e conseguimos muitos prêmios e a galera ficou muito feliz...Os nossos vídeos foram perfei-tos...A escola é o lugar ideal para fazer vídeos." (Ezequiel Leal, 15 anos).

Por fim concluo dizendo que esta experiência foi uma grande alavanca para todos nós, da escola, pois como docente me senti impulsionada a continuar trabalhando nesse viés, além de me sentir incentivada a permanecer me qualificando para melhor subsidiar meus alu-nos através do Programa de Pós-Graduação Em Educação Matemática da Universidade Federal, no qual ingressei com o projeto de produção de vídeo específicos para a disciplina de matemática após ter iniciado o desenvolvimento desse projeto na escola.

Orgulhosos todos estão na família Bordalo, como posso assim chamar nossa escola, pelos belos resultados de um projeto que gerou tantas emoções e aprendizado aos envolvidos. Neste novo ano letivo de 2017 vários alunos já me procuram para uma nova temporada de vídeos, empolgados e espelhados na produção audiovisual do ano passado.

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA VISÃO DOS ALUNOS

Kora Prince

Entrevista com alunos, pode escrever relato de experiência com alunos aqui o foco é o aluno e o que ele pensa e o que está fazendo. Pode colocar foto dos vídeos que estão fazendo, comentar sobre ele. Entre um e cinco páginas.

Estava em processo de curadoria, assistindo e selecionando filmes para comporem as três sessões de curtas-metragens do Projeto EmPodera!, realizado via ProAC Edital, com apoio do Instituto Ideia Coletiva. Comentei com o colega Roberto Limberger, sobre um filme documental, "Diagrama do Útero", de Bianca Rêgo, e ele se lembrou do nome da ex-participante do projeto Audiovisual para Jovens, realizado em 2012. Procuramos nas redes sociais, e era ela mesma. Agora, Bianca envia seus filmes a mostras e festivais de cinema, ela é mais uma cineasta independente.

Um misto de surpresa, orgulho e gratidão, por saber que as oficinas de produção de vídeo que realizamos desde 2010, geraram resultados que, por coincidência, renovam o ciclo de formação, produção e difusão das obras audiovisuais.

Pois bem, Bianca participou do Audiovisual para Jovens, via ProAC ICMS, na cidade de Mogi das Cruzes, próxima da capital paulista. Na época tinha 17 anos e já queria cursar uma Faculdade de Cinema. Na época, eu tinha 26 anos e era o segundo projeto em que participava como produtora e arte-educadora nas áreas de fotografia e produção de vídeo. Agora Bianca tem 22 anos e faz a Faculdade de Cinema. É desse reencontro audiovisual que surgiu esse bate-papo.

Kora: Antes do projeto Audiovisual para Jovens, como era sua relação com a arte e cultura?

Bianca: Mesmo antes da experiência, eu já me interessava muito pelo audiovisual e já sabia que queria cursar Cinema na faculdade, ter um curso aqui na cidade (Mogi das Cruzes) sobre audiovisual foi maravilhoso na época. Felizmente eu tive pais que mesmo em situação financeira desfavorável sempre incentivaram às artes dentro de casa, então sempre li, fui ao teatro e realizei diversas atividades culturais desde criança.

Kora: Como foi sua experiência durante o projeto? Suas expectativas, decepções, experiências?

Bianca: Uma amiga que já estava no curso desde o início que me avisou do Audiovisual Para Jovens e me levou para ver uma aula. Como eu já entrei depois que o curso havia começado, não pude participar da minha área favorita na época – roteiro. Minhas expectativas de dirigir ou escrever não foram cumpridas, o que em 2012 me decepcionou, mas, eu continuei no curso por que eu estava aprendendo muito sobre algo que eu não tinha nenhum conhecimento técnico. Ter trabalhado pela primeira vez com uma equipe grande e com equipamentos profissionais foi uma grande realização e só ajudou a crescer minha vontade por ir ainda mais atrás de um aprimoramento na área. O Audiovisual Para Jovens foi o primeiro contato que fez com que eu buscasse ainda mais conhecimento e ter certeza que Cinema era o que eu queria cursar na graduação.

Kora: Após o projeto, continuou estudando e produzindo filmes?

Bianca: Assim que o curso acabou no fim de 2012, eu fui direto pesquisar na internet sobre cursos técnicos em Audiovisual em São Paulo. Felizmente encontrei o curso Ressoar Multimeios, na capital. Então, eu cursei o técnico durante o fim do Ensino Médio e o começo de 2013, produzi exercícios mais autorais e aprendi ainda mais sobre Cinema com professores maravilhosos que moldaram muito do que eu sou hoje e da equipe técnica com quem gosto de trabalhar. Em seguida, comecei a Faculdade de Cinema, da Anhembi Morumbi.

Kora: Nesta nova etapa, durante a faculdade, quais as novas vivências e aprendizados na área de audiovisual?

Bianca: Basicamente tudo mudou desde o primeiro semestre na faculdade, também por que eu mudei, como pessoa. Comecei o curso querendo ser escritora e achando que meu único interesse seriam as aulas de roteiro e acabei me apaixonando por várias fases da produção. Hoje, trabalho muito mais com Montagem e Direção e meus interesses se abrangeram muito, inclusive para a área acadêmica (quero fazer Mestrado, Doutorado). Entre algumas decepções, minha maior queixa é com o mercado nacional. Não sei se quero, ou consigo, me encaixar no sistema de produção contemporâneo.

Kora: Como foi o processo de criação do filme "Diagrama de um Útero" e a participação em festivais?

Bianca: "Diagrama do Útero" foi realizado para a aula de Comunicação Visual, ministrada pelo professor Paolo Gregori que propôs uma atividade fílmica em que ele distribuiria para cada grupo da sala uma cor, uma forma e um filme para servirem de inspiração. Para o meu grupo ficou a cor amarela, a forma retangular e o filme "O Livro de Cabeceira" do Peter Greenaway. Na época, segundo semestre do curso (2014), eu pesquisava muito sobre imagens de arquivo, começava a me aprofundar mais no feminismo e gostava muito de pesquisar sobre registros audiovisuais do século passado sobre como as mulheres eram retratadas. Acabei trazendo tanto essas imagens coletadas quanto o que eu via na televisão (comerciais de cerveja, programas de "humor") e questionamentos pessoais para dentro da estética proposta na disciplina. O curta teve uma vida longa nos festivais e ainda me traz muitas alegrias, ele passou por festivais nacionais e internacionais como o 5° Perro Loco e o 15° Goiânia Mostra Curtas e ainda hoje participa de algumas Mostras e Festivais.

Kora: Está produzindo outros filmes? Temáticas de empoderamento feminino ou outras temáticas?

Bianca: Assim como no meu primeiro filme, eu ainda discuto muito gênero nas minhas produções – ano passado finalizei um documentário sobre abuso contra mulheres no Brasil e estou produzindo meu TCC, que vai falar sobre a transição entre a adolescência e a idade adulta das mulheres.

Outros participantes deste e de outros projetos, também continuam na área de audiovisual, ou áreas correlatas, como fotografia, jornalismo, artes cênicas. As oficinas de formação visam também a experimentação em um campo, que pode ser no futuro, campo profissional. Mas um dos objetivos mais importantes é a própria experiência dos jovens, as trocas com outros colegas, as novas amizades, o trabalho em equipe, a divisão de tarefas, a troca com os educadores, a ida com as expectativas e as decepções.

Assim como Bianca, nas produções estudantis, outros jovens não são selecionados pelos próprios colegas para atuarem como a personagem principal da história, ou não tem seus roteiros escolhidos para a produção oficial da turma. Entretanto, o aprendizado e a flexibilidade também trazem novas perspectivas, as adaptações trazem novos desafios e os improvisos trazem criatividade. A cada projeto, a cada oficina, eu, educadora e aprendiz, deparo-me com surpresas, orgulhos, decepções, gratidão, alegria e desafios, para reinventar meu papel e pesquisar mais.

REVISTA ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

DEVE DE CASA

Análises e questionamentos no âmbito da produção de vídeo estudantil, o que estamos lendo, vendo e com quem estamos conversando

COMO DEVERIA SER UM FESTIVAL DE CINEMA ESTUDANTIL

Marlon Nunes

Professor Prefeitura Municipal de Campo Bom

Desde 2008 faço cinema na sala de aula, com a única intensão de usar a disciplina de Arte como catalizador para expressão, trabalhos em grupo e criação de um olhar crítico e responsável, esta é minha meta pedagógica.

Mas o que me atreve a escrever como deve ser um festival estudantil? Nesse texto sugiro ideias com olhar de quem participa e para tanto vou colocar minhas humildes dicas de um festival com cunho pedagógico na lista abaixo:

Observar se de fato foram os alunos que fizeram filmagens, produções profissionais são fáceis de ser conferidas;

Se o curta tem vínculo com escola ou instituições de ensino;

Ver o objetivo pedagógico do curta, o que ensinou aos alunos, qual embasamento pedagógico;

Propor voto popular além do júri especializado, o olhar leigo às vezes se aproxima mais do que o aluno quis fazer e da intensão da arte;

Valorizar o trabalho dos professores que se envolvem com essa iniciativa;
O mais importante! Este trabalho PEDAGÓGICO eleva a autoestima dos alunos e deve ser levado em conta tanto a opinião deles como o esforço na construção. Portanto, sugiro jurados da área da pedagogia, atentos a esse olhar;

Criar categorias, ex.: Categoria ensino Fundamental e médio de escola pública, fundamental e médio de escola particular e fundamental, médio montado por produtora profissional e fundamental e médio local, se for estadual, nacional ou internacional ou se for feito por uma escola e for aberto. Muito importante! Separar ensino médio do fundamental nas premiações.

Não sou contra nenhuma produção, sugiro sim, a categorização dos trabalhos. Afinal de contas, penso eu que a ideia "festival estudantil" é justamente criar o espírito criador e educativo no aluno.

Grato pela leitura!

VÍDEO ESTUDANTIL OU VÍDEO ESCOLAR

Josias Pereira

Professor do curso de Cinema e Audiovisual/

Pós-Graduação de Educação Matemática da UFPel

Neste texto vou apontar algumas indagações sobre vídeo estudantil e vídeo escolar e a principio pode parecer apenas um jogo de palavras, mas sabemos que as palavras têm um signo linguístico, como ensinou Ferdinand de Saussure ou como diria Foucault que vai dizer que a palavra tem poder, se entrarmos na área da semiótica prefiro citar Greimas que vai aprofundar essa questão e dizer que a palavra tem um significado. Dito isso analisamos que esse significado que é subjetivo nasce de uma representação social (Moscovici, 1961) e saindo deste pensamento essa representação usada pela população é algo comum a um grupo de pessoas que a representam mentalmente. Essa representação é política. Como assim? Se é socialmente utilizada por um grupo o grupo aceitou ou por imposição ou por uso. Volto a Greimas que informa que essa palavra tem o significado que é gerado na significação, ou seja, quando o grupo internaliza aquele signo. Exemplo simples. Década de 1970 fazer vídeo na escola era algo para denunciar o golpe de 1964 assim ficou no dito popular que fazer vídeo na escola era denunciar algo sobre a escola. Hoje 2017 percebo que ainda existe em algumas escolas esse pensamento. Outro exemplo simples de como incorporamos essa representação social funciona e como a palavra tem poder é tomar leite com manga. Se perguntar para 10 pessoas aposto que 8 vão apresentar que não pode tomar. Será que não? Segundo a engenheira agrônoma Elizabeth Ferraz da Silva Torres, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e autora do livro Alimentos em Questão a manga contém altos teores de ótimos nutrientes, como o caroteno e a pró-vitamina A – além de ser fonte de vitamina C, fósforo, ferro, cálcio, lipídios e proteína". Essa confusão se deu, pois na época do Brasil escravagista o leite era um produto caro e a manga um produto barato que dava em abundância. Assim foi criado o mito que leite com manga matava, assim impedindo que os escravos, por medo, consumissem leite. Sim é algo que perpetua ate hoje. Como? Em função da significação que une a representação social que é criado pelo grupo a uma imagem mental que é justamente o significado. O mesmo ocorre com as palavras vídeo escolar e vídeo estudantil. A principio parece que os termos significam a mesma coisa, ou seja, vídeo feito por estudantes, será? Vamos analisar o histórico das palavras...

1º Geração

Iniciamos com Roquette Pinto que inicia o movimento de utilização da tecnologia dentro do espaço escolar com a criação do INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) que tinha como base a realização de vídeos com temas científicos, cultura popular, folclore e perfis de figuras históricas muito destas ações estavam ligadas ao modelo nacionalista de criação de uma visão de um Brasil como informa Natalia Barrenha (2015). Sabemos que a base do cinema educativo está, geralmente, associada aos ideais nacionalistas do governo Vargas, porém não entraremos neste artigo neste debate. Segundo Schwartzman (1984), havia uma dificuldade conceitual e institucional em estabelecer a separação entre educação e mobilização político-social. Essa seria a primeira fase – 1 – Produção de vídeo feito pelo estado (1936)

2º Geração
A segunda fase que apresentamos foi a chegada das câmeras VHS no Brasil que vai ocorrer em meados da década de 1970 e a ação de algumas ONG que aproveitam a tecnologia para gravar em bairros de periferia e em algumas escolas. Como exemplo temos a experiência da TV Maxambomba, uma TV de rua desenvolvida pela ONG Cecip (Centro de Criação de Imagem Popular) exibiu programas em praças e ruas da Baixada Fluminense de 1989 a 1998. Segundo Nascimento (2009) em sua dissertação sobre a TV Maxambomba informa que O Cecip idealiza e produz materiais audiovisuais e impressos, como publicações, manuais, cartazes, folhetos; e também investe na "formação de agentes de mudança e campanhas sociais em respostas a demandas da sociedade" atuando neste momento em três áreas principais: comunicação, educação e meio -ambiente. (p.39, 2015)

Aqui é importante esclarecer que a referida ONG não tinha ação direta com a escola, mas suas ações sempre resvalavam nas escolas no entorno das gravações, tanto que depois criaram o vídeo-escola
As exibições realizadas nas escolas públicas tinham como objetivo aferir a qualidade da programação produzida pela TV Maxambomba, tanto para campanhas públicas como também na aplicação de materiais educativos produzidos pelo Cecip, com relação à adequação da linguagem e da informação para este público. (NASCIMENTO, p.92, 2009)

Perceba que neste caso são pessoas que veem de fora a ajudam a fazer vídeo, ainda não é um vídeo feito por alunos. Dentre outras que realizaram este trabalho de fazer vídeo nas escolas. Então são entidades que vão a escolas, mas eles fazem vídeo não os alunos. Essa época ainda ligado a ideia de apresentar a mídia para a sociedade, desmascarar algumas ações midiáticas, ou seja, capacitar a população para compreender a mídia.
O que Roger Silverstone vai chamar de criação do quinto poder, ou seja, a sociedade precisava de uma ação contra o quarto poder (a mídia) e isso só seria possível com a criação do quinto poder que estaria na escola capacitando o futuro cidadão para compreender a mídia.

Na ONG CEASM do bairro Maré na cidade do Rio de Janeiro criou um espaço de produção de vídeo onde alunos de escolas publicas participavam em meados de 1997, fiz parte do projeto por dois anos e realizamos mais de 20 vídeos, e só poderia participar alunos que estivessem regularmente registrados nas escolas. Difere dos outros no sentido da produção ser de alunos especificamente, mas na ONG não dentro da escola por professores. Essa então seria a segunda fase. 2 – ONG – Vídeo feito dentro da escola ou com alunos de escola

3º Geração
Depois temos um espaço muito rico que foi o fim da década de 1990 onde a globalização tem início e iniciamos os anos 2000 com algo interessante a criação do Google e sua crescente base de dados. Os computadores domésticos passam a ser uma realidade, o preço tem queda a algumas escolas passam a comprar um computador mesmo sem saber o que fazer com o mesmo e assim a informática consegue adentrar as escolas de forma rápida e muitos profissionais da área de informática passam em concursos públicos específicos da área e não se sabe o que fazer com aqueles computadores que passam a ser maquinas de escrever de luxo em algumas escolas. Assim com o desenvolvimento da tecnologia DV e de placas como FireWire alguns alunos passam a fazer vídeo fora da escola, porém sobre do mesmo problema do cinema nacional, onde exibir? Apenas em 2005 coma criação do site Youtube que essa ação passa a ser sistemática fazer vídeo e ter onde exibir. Assim nasce a terceira geração de vídeo feito nas escolas. 3 Fase – Vídeo digital feito por alunos

4º Fase
Analiso essa fase a partir do ano de 2010, pois é onde analisamos o crescimento de vídeo feito por alunos

dentro do espaço escolar e uma das ações que contribuíram para isso foi o desenvolvimento dos smartphones em 2008. E no Brasil sua utilização passa a ser mais forte em 2010; além disso desenvolvimento de uma internet mais barata, tanto 3g como a comum. A monetização dos vídeos feitos pelo Youtube passa a ser feito depois da compra do referido canal pelo Google que usar o Google adsense para monetizar os criadores de vídeo. Um exemplo é o surgimento de youtubers que passam a receber por fazer vídeo o que chama a atenção de vários alunos de escolas públicas. Um exemplo é a atriz Kefera que lança seu primeiro vídeo no Youtube em 2010 o seu primeiro vídeo monólogo, intitulado "Vuvuzela" no seu canal 5inco Minutos. Professores percebem essa ação de alunos da 4º fase de fazer vídeo é passam a fazer vídeo com os alunos dentro do espaço escolar. Surge alguns festivais de vídeo sendo o mais antigo o coordenado pelo professor Valmir Michelon quando o Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim promoveu em 2002 o 1º Festival de Vídeo e Mostra de Cinema, dentro de um espaço educacional, neste caso alunos fazendo vídeos. Depois o nome é alterado para Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema de Guaíba.

Aqui desejo apontar que o festival já nasce com o nome Estudantil. Na UFPel o meu projeto de extensão leva o nome Produção de vídeo estudantil que ajudou a organizar o festival de videoestudantil em seis cidades a saber: Pelotas, Rio Grande, São José do Norte, São Leopoldo, são Lourenço e Capão do Leão. Percebemos então que vídeo escolar esta ligado a ação de pessoas que entram na escola e fazem vídeo e o vídeo estudantil é uma iniciativa que nasce dos estudantes é deles o vídeo e o docente ajuda na organização.

Sei que muitos vídeos escolares têm no seu inicio a produção de vídeo de alunos, neste texto queria apenas apontar que preferimos usar a nomenclatura vídeo estudantil analisando e levando em consideração estas fases apresentadas. 4º Fase Produção de vídeo Estudantil

Referência

SCHWARTZMAN, Simon (org.) Tempos de Capanema. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CATELLI, Rosana Elisa. O CINEMA EDUCATIVO NOS ANOS DE 1920 E 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea, Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, janeiro/junho 2005.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. Além da Imagem: Experiência e Memórias populares através da TV Maxambomba. Dissertação de Mestrado apresentada Ao Programa de Pós-graduação em Historia de Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009
Site: http://mundoestranho.abril.com.br/alimentacao/manga-com-leite-faz-mal/ acessado dia 20 de março de 2017

https://duasoutrescoisasqueeuseidele.wordpress.com/2015/10/29/a-funcao-educativa-do-cinema-e-o-instituto-nacional-de-cinema-educativo-ince-no-governo-de-getulio-vargas/ acessado dia 20 de março de 2017

ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

MARÇO/2017